

CONTOS SOMBRIOS DE NATAL



FÓRUM CÂMARA DOS TORMENTOS

CONTOS SOMBRIOS DE NATAL

Primeira edição.

Afonso Luiz Pereira - Celly Borges - Flávio de Souza - George dos Santos
Pacheco - Lino França Jr. - Luciano Barreto - Luiz Poletto - Paulo Soriano -
Rogério Silvério de Farias - Tânia Souza - Victor Meloni

FÓRUM CÂMARA DOS TORMENTOS

© 2010 Fórum da Câmara dos Tormentos
Alguns direitos reservados.



Alguns direitos reservados ao Fórum da Câmara dos Tormentos.
<http://forumdacamara.forumeiros.com>

Capa
Afonso Luiz Pereira

Revisão
Adriana Cabral e Tânia Souza

Editoração Eletrônica
Luiz Poleto

Poleto, Luiz

Contos Sombrios de Natal / Afonso Luiz Pereira et al. Rio de Janeiro: Fórum da Câmara dos Tormentos, 2010.

99 p.

1. Ficção Brasileira. I. Título.

Obra licenciada sob uma licença Creative Commons.

É permitido o livre compartilhamento desta obra, desde que sejam mantidos os créditos ao autor e à editora. Não é permitido o uso comercial desta obra nem a criação de obras derivadas.

O texto completo da licença pode ser encontrado neste link:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/>



Em memória de Henry Evaristo.

“Aquele que leva a vida a caçar monstros deve cuidar de si para não tornar a si mesmo um monstro. E quando se olha tempo demais para o abismo, o abismo lhe retorna o olhar.”

Friedrich Wilhelm Nietzsche

PREFÁCIO

O Fórum da Câmara dos Tormentos apresenta, em edição especial, seu primeiro Desafio Literário em formato e-book. Os contos aqui reunidos são o registro literário de um grupo de pessoas que há mais de dois anos discutem, trocam ideias, compartilham gostos e experiências relacionadas à literatura fantástica, especialmente no gênero terror.

A proposta deste e-book surgiu da vontade de alguns destes autores em publicar a produção temática - costumeiramente lançada como Desafio Literário no Fórum Câmara dos Tormentos - de forma diferenciada. O tema escolhido, aproveitando as festas de final de ano que se aproximam, foi o Natal. Estas sombrias mentes da LitFan nacional espreitaram mistérios e sussurros perdidos no tempo para transformá-las nas mais nefastas histórias natalinas. O resultado?

Onze contos. Onze mentes sombrias e uma única data.

Tenha uma ótima leitura!

E Um Feliz Natal!.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	6
A DIFÍCIL TAREFA DE DEMÉTRIOS NA ÚLTIMA NOITE DE NATAL.....	8
CONTO DE NATAL.....	19
NOITE FELIZ.....	22
UMA NOITE MACABRA	32
DESEJOS DE NATAL	43
UM PRESENTE DE NATAL PARA OS MORTOS	53
UM CERTO PAPAÍ NOEL (OU O INVERSO DO NATAL).....	63
OS CINCO PRESENTINHOS.....	69
O SINISTRO NATAL DE RANDOLPH CARTER	73
UM CONTO DE NATAL.....	78
O FATALISTA	95

A DIFÍCIL TAREFA DE DEMÉTRIOS NA ÚLTIMA NOITE DE NATAL

Afonso Luiz Pereira

Meu pai sempre me dizia que, em tempos de tribulação ou de guerra, a tarefa mais difícil de realizar era destinada apenas àquele que tinha a capacidade de suportá-la.

Dia 18 de dezembro de 2031.

Depois de dois dias de caminhada, faltando sete para o Natal, milagrosamente encontramos uma árvore saudável, em meio à vegetação rarefeita e depauperada, nascida do solo comprometido da radiação nuclear. Era um pinheiro ainda pequeno, bonito, viçoso e, apesar do tamanho, tínhamos certeza de ser suficientemente adequado para o cobrirmos de penduricalhos natalinos. Oh, sim, Senhor, por certo que poderíamos fazer dele uma verdadeira obra aos olhos das crianças. Elas finalmente teriam a oportunidade de experimentar uma festa natalina completa, como as que se faziam antigamente, e das quais não cansávamos de atirar-lhes a imaginação. Lembrei-me do brilho dos olhos de Mateus e Alice, meus filhos, quando ouviram falar pela primeira vez das antigas festividades natalinas em nossa época de criança. Imaginem só quão reluzentes não haveriam de ficar, ainda mais, aqueles olhinhos tristes, quando estivessem na presença de um sonho

que só vínhamos alimentando através de palavras?

Ontem mesmo, ao entrarmos discretamente na velha e decrepita vila de Borborema, tivemos os primeiros indícios concretos de que era possível, sim, conseguirmos a façanha de realizar uma noite de natal completa. Abílio achou uma roupa de Papai Noel e acessórios, incluindo barba e barriga postiças, gorro, cinto, enfim, tudo bem conservado dentro de uma caixa de papelão. E se não fosse o fato de atrair as dezenas de mortos-vivos que circulavam em frente aos escombros da loja de conveniências, gritaríamos “hurras”, bateríamos palmas e riríamos alto para extravasar tamanho contentamento.

A ideia da Noite de Natal só tomou corpo, de verdade, quando o negro Ateneu, teimoso como uma mula, decidiu se embrenhar na capital infestada de mortos-vivos no intuito de demonstrar a sua valentia irresponsável, atitude típica de jovem mal saído da adolescência, e, não sabendo como, fez promessa de trazer das ruínas da cidade algum *souvenir* que ainda não tivéssemos no forte. Pois não é que ele trouxe, entre algumas quinquilharias sem valor, um pisca-pisca natalino e uma bateria para fazê-lo funcionar. Por isso, naquele momento, ao encontrarmos a roupa de Papai Noel, não cabíamos em nós de tanta felicidade. Possuíamos quase tudo para materializar o sonho de nossos filhos. Sim, quase tudo. Faltava a árvore.

Dia 19 de Dezembro de 2031.

Hoje à tarde ocorreu algo extremamente incomum. Quando caminhávamos pelo descampado cinza, de vegetação rasteira, pontuado por umas poucas árvores mirradas e quebradiças, do que outrora fora a zona rural circunvizinha à cidade de Borborema, avistamos num aclive pedregoso, ao longe, cinco mortos-vivos postados em atitude rara de observação. Muitíssimo estranho, aquilo! Eles não eram dados a observar, muito pelo contrário, eles atacavam sem pensar em sua própria segurança. Parei abruptamente para apontá-los ao grupo. Não nos intimidamos com aquelas criaturas porque estávamos em mesmo número, e fortemente armados.

A escolha de se fazer o caminho por áreas mais afastadas dos centros urbanos destruídos era justamente no sentido de evitar as concentrações de zumbis, muito mais comuns nas cidades abandonadas. Levei o binóculo aos olhos, e o que vi me deixou estarrecido! O morto-vivo mais alto, vestido com uma camisa amarela da Petrobrás, na verdade um conjunto de trapos e tiras de pano encardido por sobre o corpo coberto de enormes feridas, lançava seus olhos esbranquiçados, sem vida, sobre nós de uma maneira diferente. Ele torcia a cabeça bruscamente para um lado e para o outro, como se buscasse entender porque cinco apetitosos humanos se arriscavam a carregar uma inútil árvore, sem frutos, em campo aberto. “Acho que o maldito está pensando!”, falei, sem me voltar aos demais. Não gostei nem um pouco da situação. De repente, ele emitiu alguns grunhidos e se encaminhou, levando os outros com ele, para o lado oposto do aclive pedregoso, sumindo de nossas

vistas. Todos nós ficamos pasmos, sem entender, olhando apatetados uns para os outros como que a dizer: “o que deu neles?”

Dia 20 de Dezembro de 2031.

O que eu mais temia aconteceu: caímos numa emboscada. Para chegarmos mais rapidamente ao forte, decidimos encurtar caminho através da estrada principal da Vila do Sossego. Depois de avançarmos quase à metade da rua deserta, coberta de poeira e lixo, fomos surpreendidos! Os mortos-vivos, bem mais aterradores à noite, inesperadamente, começaram a surgir das vielas escuras de ambos os lados da passagem. Nunca, em todos estes anos, havia testemunhado por parte dos zumbis semelhante planeamento sincronizado de ataque. E qual não foi a minha surpresa ao perceber, lá no final da rua, a figura grotesca, mal cheirosa e pútrida do “Camisa Amarela”, emitindo grunhidos altos e gesticulando os braços, como se fosse um regente conduzindo a sua orquestra apocalíptica. Filho da puta, esbravejei com ódio.

“Abílio, você arrasta o pinheiro, enquanto lhe damos cobertura. Vamos sair deste inferno.” – Disse alto, tomando a decisão de imediato.

Escolhemos a formação de defesa retangular, em paralelo com as laterais da rua, formação esta que nos permitiria abrir fogo para todos os lados, sem descuidar da retaguarda. Vimos Abílio, o homem fisicamente mais forte do grupo, no centro do retângulo, sacar a sua metralhadora de pequeno

porte com a mão direita e, com a esquerda, agarrar uma das grossas hastes da nossa preciosa árvore. “Estou pronto. Vamos embora”, ele disse, começando a puxá-la de arrasto enquanto já apontava e estourava, com uma rajada breve e seca, o peitoral do zumbi incauto mais audacioso. O sangue preto que espirrou da criatura pareceu instigar a selvageria nos outros.

“Vamos recuar, pessoal” – falei alto, decidido, na intenção de abrir caminho à força na retaguarda mesmo, por esta, aparentemente, conter um menor número de mortos-vivos. E olha, não economizamos munição. Atiramos no que vimos e não vimos, opondo resistência desesperada contra os monstros que se projetavam mais próximos da formação retangular. O jovem Trindade, impetuoso, porém inexperiente, berrava alucinado apontando a metralhadora de um lado para o outro, tentando varrer a bala as coisas ensanguentadas que lhe vinham no encalço. “Na cabeça, Trindade. Um por vez, na cabeça”, eu berrava em meio à confusão. Trindade foi agarrado pelo antebraço por um deles e puxado para dentro do turbilhão de criaturas esfomeadas. Recuso-me a descrever a cena grotesca que se seguiu.

Abílio, Hermes, Juarez e eu, homens experientes na exploração de campo, talhados para reagir a um ataque como aquele, tínhamos ciência que em dado momento da peleja não seria possível recarregar as armas em tempo hábil para rechaçar as investidas, cada vez mais próximas. Um vacilo qualquer de um de nós, certamente condenaria os quatros, enquanto não chegássemos à boca da rua para correr em campo aberto, fugindo dali como pudéssemos. Mas antes que abandonássemos

as armas sem munição e puxássemos os facões da cintura, ouvimos os grunhidos graves, urgentes, que se destacaram pontualmente acima da confusão à nossa volta. Imediatamente a cena, coalhada de zumbis, clareou como num passe de mágica. Eles, inexplicavelmente, recuaram à escuridão das velas de onde vieram e nos deixaram sozinhos, assustados, esbaforidos, com os nervos em frangalhos. Pasmem! Escafederam-se todos, exceto o maldito Camisa Amarela da Petrobrás!

O horroroso e temível líder impunha respeito. Ele nos constrangia deliberadamente impondo a força do mesmo olhar esbranquiçado e inquisidor do dia anterior. Senti horror àquela criatura. Medo. Senti medo. Senti mais medo da maneira como ele parecia nos avaliar do que o combate corpo-a-corpo, poucos minutos antes. Aquela coisa não se deixaria matar facilmente como os outros. Abílio e eu, sem trocar palavras, colocamos a árvore nos ombros. Em seguida, cuidamos de imprimir um trote urgente para bem longe da Vila do Sossego. Mesmo depois de meia hora de caminhada forçada, minhas costas pareciam arder, não pelo peso incômodo do pinheiro, mas por ter uma certeza desagradável de estar sendo observado, de modo meticuloso, por olhos impossíveis de vencer a escuridão da noite.

Dia 24 de Dezembro, véspera de natal.

Era a árvore de natal mais bela e resplandecente que eu já vira. As crianças estavam maravilhadas, alegres, sorridentes, falantes. E, como eu havia previsto, testemunhar a

vivacidade nos seus olhos era uma dádiva para se guardar por uma vida inteira. O pisca-pisca, envolto no pinheiro, entrelaçado de centenas de pequenas lâmpadas, espargia aquele brilho aleatório, intermitente, a partir do centro da sala, entremeado de flashes cintilantes das bolas de plástico reluzente, nas quais as crianças se olhavam e riam à toa, fazendo caretas, divertindo-se com seus reflexos circulares. Mateus e Alice, com os rostos lambuzados de chocolate, olhavam-me e apontavam-me, orgulhosos, às dezenas de amiguinhos tão felizes quanto eles. Foi a cena mais bonita que eu já tive a oportunidade de ver nesta minha vida e, certamente, haveria de ser a derradeira.

Antes de deixar os pequenos, entregues às brincadeiras, fui até ao pequeno aparelho de som, conectei o cabo de força na bateria e coloquei o velho CD de natal, o mesmo das minhas noites natalinas de outrora. Aumentei o volume ao máximo. As crianças pararam de brincar por alguns minutos, envolvidas pela melodia das harpas e canções clássicas que nunca tinham ouvido. Olhei para a mesa, um pouco mais ao fundo, quase na penumbra, cheia de toda sorte de guloseimas, resgatadas do porão de um supermercado, na verdade um monte de entulho, no mês anterior. Sorri orgulhoso. Era uma noite de Natal completa. Depois, fiz um sinal discreto para Abílio, vestido de Papai Noel, para que me acompanhasse lá fora. Saímos os dois. Tranquei a porta por fora. Tínhamos de enfrentar o inferno a poucos metros dali.

A sala escolhida para abrigar a árvore e a decoração natalina foi o cômodo mais alto e seguro do forte. Seria ali, entre aquelas quatro paredes de clima alegre e festivo,

provavelmente o último reduto da humanidade a sucumbir à selvageria das criaturas mefíticas que tomaram de assalto o planeta inteiro.

Os mortos-vivos, surpreendentemente, começaram a chegar de todas as direções ao mesmo tempo antes do sol abandonar a vegetação seca e pardacenta que circundava por quilômetros o nosso forte, e até onde sabíamos, a construção fortificada mais segura da região. Mas, então, naquele início de noite, o que parecia ser mais um confronto contra algumas poucas dezenas de criaturas errantes, tornou-se algo de maior vulto, algo que excedia de longe o comportamento de ataque atabalhado e irracional costumeiro. Eles não se apresentaram para derrubar cercas nem portões, com a finalidade de invadir, deixando-se aniquilar facilmente por nossas armas. Desta vez, eles foram chegando, foram se aglomerando ao redor do forte, sem atacar, apenas rendendo-se à uma espera, para nós, gradativamente angustiante e, no andar do tempo, constatado os fatos, desesperadora. Em duas ou três horas, das poucas dezenas de mortos-vivos que se punham às nossas vistas, passaram-se às centenas! Não mais do que cinco horas de cerco depois, olhávamos estupefatos às milhares de cabeças famintas, cercando-nos por todos os lados. Quando demos pela gravidade, já era tarde. Estávamos sitiados naquele mar horroroso de zumbis, sem opção de retirada.

“O que estas coisas estão esperando?” – perguntou-me Abílio, retirando o gorro e a barba postiça, sem virar-se para mim, olhando a multidão infecta, parada, além das paredes de madeira velha que nos guardavam.

Os sobreviventes, meus amigos, a minha grande família, todos em seus postos de combate dentro do pátio próximo ao portão principal, ou nas áreas mais vulneráveis, olhavam-nos lá de baixo, como se a visão do exército de mortos-vivos confirmasse a cena final do apocalipse. Havia em cada rosto um misto de medo e determinação de lutarem até o fim. Finalmente, um movimento diferente começou a criar uma onda em torno dos infectados. Um corredor se abria à chegada de alguém e eu já bem sabia de quem se tratava: era o Camisa Amarela.

Respondi a pergunta de Abílio apontando a nossa desgraça com o dedo indicador: “Ele. Todos estão esperando por ele!”

Camisa Amarela, à frente do maior contingente de mortos-vivos que eu já presenciara, levantou a cabeça para cima. Seus olhos, parecendo dois feixes de luz dentro da noite, alcançaram-me de modo implacável, perscrutando-me, como já esperava que fizesse. Não desviei o meu olhar da intimação. Havia me preparado para não demonstrar medo diante dele. Ignorei os glóbulos esbranquiçados daquele zumbi. No entanto, quando um sorriso sarcástico incomum se assomou na face purulenta e devastada daquela insólita criatura, um arrepio me tomou todo o corpo, como se o próprio diabo, tendo somente ele a habilidade de expressar semelhante fisionomia malévola, o fosse. Percebi, então, que estávamos irremediavelmente condenados. Não havia para onde fugir, ou a quem recorrer. Se Deus nos havia deixado à revelia, o demônio, não!

Abílio também viu a face de malignidade sobrepor-se à selvageria irracional do líder da horda. “Que nossa Senhora, mãe de Jesus, nos receba bem”, ele disse num sussurro. E antes que eu pudesse dizer-lhe qualquer coisa, ele me abraçou forte, levando-me aos ouvidos o dever de minhas obrigações: “Força, Demétrios, não hesite! Cuide de nossos filhos!”. Sem mais, meu velho amigo deixou-me só em meu posto inglório, e desceu as escadas rapidamente, tomando lugar próximo ao portão de acesso principal.

E, assim, deu-se o massacre!

Os primeiros grunhidos odiosos da besta empurraram a massa virulenta de mortos-vivos contra as desgastadas paredes apodrecidas do forte e as puseram abaixo em menos de um minuto.

Não consegui ver mais nada!

Os sobreviventes confiavam em mim. Eu não podia, de modo algum, fraquejar diante da tarefa que eles deram-me à incumbência de cumprir. Por isso, fui até à porta da Sala Natalina e escorei a testa nela. Fechei os olhos. Busquei coragem nos últimos ruídos da noite. Ouvi nitidamente a última sinfonia da vida esvaindo-se célere, era a percepção dos sons que se misturavam no fundo de minha alma: o matraquear das metralhadoras abafadas por corpos apodrecidos lançando-se sobre elas, o burburinho festivo das crianças rindo à toa ali pertinho, os gritos desesperados de homens e mulheres lá embaixo, as gargalhadas de Alice, minha filha querida, o arrastar de pés vacilantes, mortais, das coisas que iniciavam

o subir das escadas e... a música ao fundo, ressoando além daquelas paredes... a melodia suave impunha-me vislumbres da criança alegre, de olhos reluzentes dos enfeites natalinos, de outras noites, que um dia fui...

Noite feliz

Noite feliz

Ó senhor, Deus do amor...

E, agora, minha última noite de natal.

“Força, Demétrios, não hesite! Cuide de nossos filhos!”

Apertei com força a metralhadora, levantei a cabeça, respirei fundo e abri a porta decidido, porque meu pai sempre me dizia que, em tempos de tribulação ou de guerra, a tarefa mais difícil de realizar era destinada apenas àquele que tinha a capacidade de suportá-la.

CONTO DE NATAL

Celly Borges

Para Marcy Hoelscher

Naquele tempo, no bar, Lucas pediu um cálice de vinho. Não queria ficar sóbrio. Tinha que esquecer.

Esquecer que dali a menos de uma hora seria Natal. Adorava a data. Desde criança gostava quando a família se reunia em torno da mesa, apesar de serem muito pobres sempre havia um pouco mais de comida para aquela ocasião tão especial. “Para tudo dá-se um jeito”, dizia a mãe.

Mas era uma dessas festas que havia se tornado o terror da sua vida!

“Marcy estava morta”.

A única irmã de Lucas. A prodigiosa Marcy. Claro! Todos a admiravam. Principalmente os pais.

Quando ela nasceu era considerada a criança mais perfeita. Porém, Marcy crescera. E parecia que apenas Lucas percebia em que ela tinha se transformado. Ele a repudiava.

Ah, como era terrível o efeito de estar no mesmo ambiente que ela, aquele ser repugnante. Lucas não sabia o que era, apenas sentia e sem entender como.

Já eram considerados adultos, mas sentiam-se como crianças sob a enorme e iluminada árvore de natal. Como era agradável aquela sensação de paz e harmonia. No fundo tudo era falso. No entanto a família se reunia uma única vez por ano. Agora todos trabalhavam e podiam comprar comidas melhores. Tudo muito gostoso e agradável.

Marcy também estava lá. Os olhos de Lucas tentavam evitá-la, porém era quase impossível! Ela atraía o olhar de todos.

Ele sabia o seu segredo!

E ela devia morrer.

Que criatura perfeita! Que família perfeita! E em todo natal, em qualquer casa, sempre há o momento das recordações. E naquela família não era diferente.

Enquanto comentavam, cada um seu momento especial, Lucas se perdia em seus devaneios. Lembrava quando Marcy estava na escola, como, de repente, todos ignoravam a presença dele e percebiam somente ela.

Um dia ele entrou no quarto da irmã e a viu chorando muito, sem entender o motivo, perguntou a ela, mas Marcy se esquivou e nunca respondeu. Ele olhou num canto e viu muitas velas acesas, derretendo e espalhando a parafina por todo o chão. Tudo muito estranho. O pior estava por vir. A partir daquele momento ela não falava nada, com ninguém, além do necessário. Tornou-se insuportável sua presença.

Então Lucas teve certeza: ela tinha feito um pacto.

De repente voltou para aquele dia de natal. Lá estava Marcy, do outro lado da mesa, o rosto sem expressão.”

Percebeu que estavam fechando o bar, era melhor sair antes que o trancassem ali. O que não seria nada mal. Andou sem perceber aonde iria, seus passos o guiavam por um caminho antigo, o de sua casa. Parou em frente à janela, sem coragem para entrar.

Tudo tão bonito. A árvore com as luzinhas piscando e refletindo em seu rosto. A mesa ainda mais provida de alimentos. Sentados estavam: o pai, a mãe e Marcy!

Fogos de artifício. Meia noite.

Então entendeu tudo! Marcy estava chorando e tinha velas no quarto porque rezava pela alma do irmão que acabara de se suicidar no banheiro, cortando os pulsos.

Ela rezava enquanto a mãe limpava toda a sujeira, todo o sangue espalhado pelo chão.

Ela rezava porque era boa.

Era véspera de natal.

NOITE FELIZ

Flávio de Souza

Pela fresta da janela, ela vislumbrava a vastidão de um mundo branco. Uma imensidão alva salpicada pela intermitência de lâmpadas multicoloridas. A neve caía suavemente, lembrava o açúcar despejado sobre uma tigela repleta de flocos de milho, uma das mais doces recordações de sua infância.

No entanto, a brandura em sua mente se limitava a episódios raros e isolados. Uma guirlanda enfeitando uma porta, o aroma agradável de um prato típico, a ansiedade nos olhos de uma criança. Pois, no fim das contas, esta era a pior época do ano para ela. Era neste período de festa que a dor da lembrança lhe atingia com maior rigor. Nestes dias, que deveriam ser plenos de luz e paz, as feridas antigas voltavam a sangrar. As marcas em sua alma deixavam claro que o tempo não apagava a dor causada pelos açoites da vida.

Só ela sabia o quanto a verdade poderia doer. A certeza de estar sozinha, mesmo quando cercada por várias pessoas, mostrou-se inabalável por muito tempo. Durante anos, ela procurou explicações para as artimanhas do destino. No entanto, era muito difícil enxergar a si mesma naquela realidade. Por mais que tentasse encontrar um sentido de família naquele cenário, naquelas histórias tão similares a dela, não conseguia. Todos os esforços se mostravam inúteis. Parecia que nada poderia repor o que ela havia perdido. Nem mesmo

o conforto das instalações, a dedicação dos funcionários, ou a cumplicidade das outras crianças, nada ali poderia fornecer o que ela julgava merecer.

Como eles poderiam ter ido embora? Não havia no mundo crueldade maior do que deixar uma garotinha a mercê da própria sorte. Não era justo. Não era mesmo...

Ela contou as horas. Contabilizou cada dia que permaneceu sob a proteção daquele requintado abrigo. A ansiedade moveu sua rotina, a esperança alimentou seus desejos durante a longa espera. Mas, a liberdade obtida com a maioridade não lhe trouxe o conforto que esperava.

Assim, ela enfrentou os anos seguintes com o peso incalculável das frustrações sobre os ombros. Ela seria capaz de trocar até o último centavo pela sensação indescritível de ter uma Noite Feliz. Nada poderia ser mais reconfortante do que reviver os antigos Natais, aqueles antes da dor... aqueles onde apenas as coisas boas poderiam existir...

Por mais que os festejos natalinos conspirassem para que o vazio de sua existência se transformasse num abismo insondável, ela não se cansava de buscar as respostas que tanto ansiava, durante esse período. Na verdade, não precisava de muita coisa para que essa ânsia se tornasse uma obsessão. Para isso, bastava que as primeiras notas de antigas cantigas ecoassem pelo ar. Pois, ao som do mais singelo coral, as lágrimas rolavam fartas. A dor era embalada pelo lirismo da situação.

Tal qual uma criança, ano após ano, ela esperava pacientemente por sua vez na fila. Para ela, não havia o menor constrangimento em disputar com os pequenos a atenção do homem de barbas brancas. Ela se aproximava com os olhos úmidos e tão rubros quanto as vestes do velho, para, em seguida, derramar seu sofrimento em forma de palavras. Os sulcos em seu rosto insinuavam uma idade muito superior a que ela, de fato, ostentava.

Mesmo sem entender a razão que levava uma mulher feita a buscar espaço em seus braços, o homem por trás da lenda incorporou plenamente os desígnios que representava. Pacientemente, ele tratou de ouvir os apelos que chegavam aos seus ouvidos, trazidos pelo timbre arrastado de uma voz sofrida. Por mais que a mulher soubesse que a verdade oculta pela maquiagem respondesse apenas pelo rosto de um desconhecido, ela tinha fé. Acreditava com toda a força do seu coração, que de algum modo inexplicável, aquela personagem poderia responder a seus anseios.

E, como numa conexão não declarada, ele também sentia que era capaz de fazer algo para amenizar tamanha inquietação. Os protestos das crianças ficaram num segundo plano. Naquele momento, as atenções do velho Nicolau eram exclusivas da menina em corpo de adulto.

Após muitos anos representando um papel, ele finalmente entendeu o simbolismo daquelas roupas. Pela primeira vez, ele sentiu vontade de cruzar os céus num trenó puxado por renas aladas. As lágrimas daquela estranha o

convenciam de que ele era, de fato, a personificação do Natal. Então, ele perguntou, entre risadas e interjeições, o que a menina desejava de presente. Surpreendentemente, ela não pediu nenhuma boneca ou qualquer outro sonho em forma de brinquedo. O único pedido que fez foi o de ter uma Noite Feliz, com a benção dos seus anjos.

Ele não entendeu muito bem o significado daquelas palavras, mas, mesmo assim, disse que ela ganharia o que desejava, pois havia se comportado bem durante o ano. A mulher sorriu, nem tanto pelas palavras do velho, mas pelo que ela viu em seu olhar. Alguma coisa oculta no azul daquelas órbitas lhe dava a certeza de que teria o que desejava, finalmente.

Chegada a grande noite, ela não conseguia conter a própria euforia. Movida pela força obtida desde o encontro com o Senhor dos Sonhos, ela superou os fantasmas do passado e foi atrás daqueles que há muito não via. A mesa estava preparada. Velas aromáticas queimavam em castiçais de prata. A superfície esverdeada de um pequeno pinheiro refletia a luminosidade branda de filamentos luminosos. A lenha, em cortes simétricos, ardia em brasa alta, envolta pelas pedras polidas da lareira.

Os convidados ocupavam os lugares a eles destinados. Permaneciam em silêncio, em contraste com o fervor entoado pela anfitriã, em forma de canções. Embora a mulher transbordasse o ânimo renovado, o rigor das lembranças ainda insistia em lhe visitar. Sua mente vagava no tempo, a levava a uma cena tão semelhante a que se apresentava diante de sua visão.

II

Seus olhos de menina olhavam o relógio na parede, os ponteiros marcavam a hora mágica: meia-noite. Seu presente não caberia no sapato, ela sabia disso. Assim como sabia que não conseguiria esperar até o nascer do sol para tê-lo.

Sorrateiramente, ela desceu as escadas, não esperaria pelo chamado dos pais. Sua atitude impulsiva não encontrou resistência, longe disso, os últimos degraus foram vencidos com a recepção de um sorriso duplo.

Eles já se preparavam para chamá-la, seu presente a aguardava, e o melhor: seria entregue pelas mãos enluvadas do homem de risada fácil.

A menina correu pelo enorme jardim, seus braços enlaçaram a cintura farta do velho. Por alguns instantes, criança e herói trocaram olhares, ela quis se perder na profundidade daquele azul absoluto. Ele estendeu o braço envolto pelo cetim vermelho, e ela entendeu que seu prêmio estava oculto pela proteção de uma cortina.

Ao romper o tecido, a excitação, até então estampada no rosto infantil, imediatamente converteu-se em inequívoca decepção. O pêlo do pônei reluzia sob a luz dos postes. A pequena cela no dorso do animal ansiava pela presença de sua dona. No entanto, a menina não demonstrou um milésimo da reação que normalmente se esperaria de alguém de sua idade. Aos prantos, ela correu de volta para o quarto. Não deu ouvidos

aos apelos que lhe eram lançados.

Desde a mais tenra lembrança, ela sempre teve o que desejou. Logo, não entendia a razão pela qual não ganhara o que queria. Afinal, rico ou pobre, ele não deveria se esquecer de ninguém. Deveria?

Ela sempre ouvia da mãe diversas histórias. Múltiplas e infinitas fábulas e canções. Conhecera e se aventurara com gigantes, fadas, sereias e gnomos. Mas nada chamara tanto a sua atenção quanto o mundo dos anjos. Desde o primeiro instante, ficara fascinada pelas asas brancas, pelos cabelos dourados, pelas melodias celestiais, pelas harpas e nuvens.

De acordo com as palavras da mãe, as pessoas boas quando morriam, recebiam como prêmio por sua bondade na terra, um par de asas e a vida eterna. Cada anjo seria responsável por uma criança. Assim, em sua ingenuidade, a menina achou que poderia ganhar o seu anjo da guarda como presente de Natal. Mas o que recebeu, de fato, só veio a enchê-la de frustração, nada além disso...

Trancada no quarto, ela pensou durante muito tempo. Sua convicção elegeu um culpado, um maldito capaz de arruinar os sonhos mais bonitos. Ano após ano ele retornaria espalhando desilusões, causando desarmonia nos lares. Isso não estava certo, não poderia ficar assim. Porém, antes de qualquer coisa, ela precisava reaver o que era seu por direito. Afinal, cumprira suas tarefas com louvor ao longo do ano. Ela merecia seu presente. Ela teria o seu anjo, ou, no caso, anjos.

As pessoas boas viravam anjos, e estes protegiam as crianças. Então, era certo pensar que ela tinha os maiores protetores no quarto ao lado. Afinal, seus pais eram pessoas boas, e sem dúvida a amavam.

Na manhã seguinte, ela levou para os dois uma bandeja com biscoitos amanteigados e leite fresco. Na verdade, era para ser um agrado para o Bom Velhinho, mas ela não quis lhe entregar na noite anterior, por razões óbvias.

Enquanto assistia a felicidade nos olhos dos pais com a inesperada e bem-vinda surpresa, a garota nutria no peito o desejo de que o líquido que misturara à bebida surtisse efeito. Ela sabia do que o conteúdo daquele recipiente era capaz de fazer, pois sua mãe sempre a advertira para que não chegasse perto de nada que tivesse a imagem de um crânio cruzado por ossos, o símbolo da morte.

Logo, seus pais fechariam os olhos. E, quando estes se abrissem novamente, teriam a chama de uma fogueira. Então, os dois ganhariam asas, auréolas e um brilho radiante. Seus anjos ficariam com ela para sempre. Mas, nada disso aconteceu. Eles realmente fecharam os olhos, mas nunca mais os abriram novamente.

Ela chorou e gritou. Praguejou e amaldiçoou. Culpou aquele que só deveria trazer alegria e sonhos, mas que só trouxe a desgraça para sua vida. A menina estava só no mundo. Não tinha mais ninguém. Viveu o restante da infância num orfanato, cercada por muito, mas, ainda assim, sozinha. Achava

que nunca mais teria um Natal de verdade. Mas, aquela era uma época de magia, de milagres. Para sua alegria, percebera que estava errada, sua busca por redenção chegava ao fim...

III

A neve continuava a cair. Mas o calor da lareira amenizava o rigor do clima naquele ambiente. Os pratos e talheres postos aguardavam o início da ceia. No entanto, apesar dos diferentes acompanhamentos dispostos sobre os domínios do retângulo envernizado, o prato principal ainda não ocupava o lugar que lhe era devido.

Porém, tão logo colocou a travessa sobre a mesa, a mulher passou a devorar o banquete com sofreguidão, sendo acompanhada pelo olhar frio e impassível dos convidados.

Enquanto os ávidos dentes trituravam o alimento, sua mente perturbada assimilava os gritos de velhos fantasmas. Logo, os lamentos tornaram-se límpidos como silvos, e não tardou para que estes assumissem as características estridentes de sirenes.

De súbito, ela saiu do frenesi no qual estava mergulhada e, sem esperar por qualquer sinal externo, ganhou as ruas.

Com a casa cercada, ela se negou a largar a faca e, com um gesto rápido e certo, desferiu um corte profundo na própria garganta. O líquido jorrou do seu pescoço como o

vinho precioso de uma boa safra desce pelo gargalo frio de uma garrafa. Sua vida trazia uma nova coloração à pureza alva da neve no chão. Dizem que o vermelho é a cor do Natal...

Antes de deslizar o aço da lâmina em si mesma, ela experimentou a sensação incomparável de uma lembrança libertadora: a imagem daquele maldito!

Depois de muito procurar, ela já começava a achar que nunca encontraria o responsável por toda a sua dor. Achava que o infeliz que lhe negara um simples presente jamais apareceria novamente. No entanto, ela reconheceu aquele olhar escondido pela sordidez da maquiagem. Sua busca havia terminado naquele momento, ela teria sua festa, teria seus anjos.

Por três dias, a mulher deixou o aço do tempero tomar conta da carne. Desde que fora seqüestrado no estacionamento do shopping, o velho em trajes de Noel permanecera trancado na despensa do casarão. O vermelho que cobria seu corpo não respondia mais pelas roupas clássicas. A cor era muito mais intensa e viva, sobretudo pelo sal grosso espalhado sobre as feridas...

Tudo estava perfeito, ela havia calculado cada detalhe acerca daquela noite, pelo menos era isso o que achava. Por mais que tivesse sido cuidadosa ao tornar a placa do veículo ilegível, por conta das câmeras de segurança, seu maior pecado se tornou evidente, mais uma vez.

Ela não sabia que o seu gosto diferenciado seria capaz de lhe trazer mais danos. Veículos como o que possuía não eram tão comuns, afinal de contas. E, mesmo com a demora nas investigações, as autoridades conseguiram chegar ao local correto.

Os homens custaram a acreditar no que seus olhos viram: pedaços de um corpo humano preenchiam um forno na cozinha; fatias de um assado hediondo enfeitavam pratos de porcelana; ossos avulsos de dois esqueletos repousavam em cadeiras distintas; armações de arames e penas alvas atrelavam-se à madeira nobre, uma versão doentia de asas. E, o mais aterrador: os crânios, enfeitados por halos dourados, guardavam lugar sobre a toalha de mesa. Suas órbitas vazias observavam uma improvável refeição, enquanto uma chama moribunda derretia o último toco de vela.

De fato, os policiais não conseguiam compreender aquela cena, tampouco a felicidade no rosto da suicida. Eles eram tolos, não sabiam que as pessoas boas viravam anjos quando morriam... Naquele momento, ela estaria voando com seus pais...

Mas, não era só por isso que ela sorria. Na verdade, o motivo de sua satisfação respondia por outra razão. Após muitos anos, finalmente ela havia conseguido reviver o momento único do Natal, tal qual desejara. Enfim, experimentava, mais uma vez, a sensação incomparável de uma verdadeira Noite Feliz...

Sinos soavam ao longe...

UMA NOITE MACABRA

George dos Santos Pacheco

Os sinos da Catedral badalavam e ecoavam até os confins da cidade. Toda vez que morria alguém por lá era assim, e eu sentia calafrios ao ouvir o som do bronze. Não era nada demais, mas é que aquele barulho ensurdecedor deixava uma atmosfera mórbida que não era nem um pouco agradável.

No entanto, era véspera de Natal, o céu estava limpo e corria uma leve brisa de verão. Eu e meus amigos estávamos todos empolgados com a data, na expectativa de receber os presentes, aliás, toda a cidade já estava preparada para isso, havia pinheiros decorados por toda a parte e o movimento no modesto comércio era agitado. Santa Cruz era um lugarejo pequeno, de casinhas pintadas com cores primárias e janelas e portas que davam diretamente para a calçada. Todos se conheciam. À noite, nos reuníamos na frente das casas e ficávamos lá, escutando histórias contadas pelos mais antigos, ou íamos assistir televisão na praça. Não, não é nenhum engano. Àquela época, poucos tinham acesso a esse luxo e os aparelhos ficavam feito um monumento em armações de concreto, com bancos à frente.

E todos os dias eram iguais, as mesmas conversas, as mesmas pessoas... Os raros acontecimentos diferentes eram interpretados como grandes eventos. Como neste lúgubre, natalino e pitoresco dia. Eu e dois amigos nos encontrávamos

todas as tardes em nosso quartel general, um barraco de madeira abandonado no subúrbio da cidade, tão longe que era conhecido como “escondido”. É claro que o assunto não poderia ter sido outro e Bertholdo abriu a sessão com seu já costumeiro tom grave e cheio de propriedade. Parecia um adulto, e tudo era tratado com uma seriedade ímpar, que aliás, só conheci nele.

— Amigos, temos algo importante a tratar... — disse o ruivo baixinho.

— Já sabe quem morreu? Parece que estão me escondendo isso desde a manhã... — disse Eliézer, o mais novo e medroso de todos. Era um gordinho dentuço, com o olhar levemente assombrado.

— Foi Dona Maria Pitanga. Ouvi meu pai falando com um vizinho... — respondi agachado perto da entrada.

— Mas esta é a... — murmurou Eliézer com cara de espanto.

— A bruxa — completou Bertholdo.

O título que a velha ganhara tinha seus motivos. Vivia num casebre sombrio, com um pequeno quintal atulhado de plantas umas sobre as outras, desleixado como a própria aparência da mulher. Havia vários pés de pitanga por lá, daí seu sobrenome. Diversas histórias circulavam sobre a velha, contudo, uma era soberana. Diziam que ela havia matado seus filhos, um a um, e o próprio esposo, os enterrando nos fundos da casa, como por pagamento a um pacto feito com o próprio demônio. Eu achava que isso tudo não passava de imaginação

do povo. Ela era estranha deveras, soturna e escanzelada, mas nada que fosse fora do normal. Fiz questão de interromper Bertholdo.

— Isso é uma tremenda bobagem Bertholdo! Vai acabar assustando o Eliézer desse jeito. — disse, ao me levantar. Com treze anos, eu era o mais velho e sentia a responsabilidade de cuidar daqueles dois malucos.

— Não é bobagem nenhuma Emídio. Veja o que encontrei em sua casa... — retrucou, estendendo uma garrafa tampada com uma rolha na nossa direção.

— Você foi na casa dela?! — perguntou Eliézer.

— E o que há demais nisso? — redarguiu o ruivo.

— Eu é que digo isso! O que há demais nessa garrafa? - intervi.

— Pois é nessa garrafa que você-sabe-quem prendeu o príncipe deste mundo...

— Não há nada nesta garrafa... — disse acremente.

— Você não pode ver, apenas ela. Estava em um altar cheio de velas vermelhas em volta.

— E por que você retirou de lá, seu merda! — esbravejou o menino dentuço, andando de um lado para o outro.

— Precisamos dela para nos livrarmos de Maria Pitanga. — respondeu prontamente. Parecia que ele tinha resposta para tudo que perguntássemos.

— Nos livrarmos como, seu louco? Ela já morreu!

— gritou Eliézer, muito abalado com o tema de nossa sessão de hoje. Até então, nunca tínhamos nos envolvido em nada parecido. Apenas investigações bisbilhoteiras a respeito da vida dos outros, furto de frutas nos quintais alheios, enfim, a mais pura molecagem.

— Morreu, mas ela ainda tem uma ligação com esse mundo e se espírito ficará vagando, cometendo suas atrocidades.

— Atrocidade está cometendo você com a minha paciência. Vamos Eliézer, Bertholdo não está muito bem hoje... — disse virando-lhe as costas.

— Esperem! Eu tenho um plano!

— E qual é o seu plano brilhante? —perguntou o gordinho num esgar de deboche.

— Hoje à noite, iremos até o cemitério, cravaremos uma estaca na velha e prenderemos seu espírito na garrafa. Depois a enterramos e tudo acabou. - sussurrou nosso líder.

— Ela é uma bruxa, não uma vampira... — corrigi-o.

— Então admite que ela seja uma bruxa? — perguntou astuciosamente.

— É... talvez ela seja. — respondi baixando a cabeça, um pouco envergonhado. Ele havia feito eu me trair pelas minhas palavras. Ele quase sempre conseguia o que queria, com sua oratória.

— Esquecem de uma coisa. Hoje é Natal... — lembrou Eliézer. — e, além disso, eu jamais entraria num cemitério. — acrescentou, fazendo menção de sair do barraco.

— Antes da meia-noite estaremos em casa, quanto a isso, não haverá problema algum. Mas desde o início eu soube que você não teria coragem... —argumentou Bertholdo. Uma arma infalível, a propósito. Mesmo borrando as calças, o gordinho nunca admitiria ter medo de coisa alguma.

— Mas eu não tenho medo. O fato é que eu não quero perder a ceia de Natal. Minha mãe está preparando um pernil delicioso, além de rabanadas. Adoro rabanadas. E eu pedi uma bicicleta este ano, estou ansioso por vê-la...

— Terá tempo suficiente para andar na sua magrela nova, eu lhe prometo. Então está decidido assim. Às oito horas, na minha rua. E iremos fazer o serviço. Pelo bem de todos. Dispensados! — disse ele feito um sargento e saímos calados. Certa vez o apelidamos de Sargento Ferrugem, devido seu comportamento autoritário, seu cabelo ruivo e as sardas acastanhadas nas maçãs do rosto.

A verdade é que, assim como Eliézer, eu não tinha nenhuma vontade de ir naquele lugar funesto. A placa logo na entrada do cemitério - “Nós que aqui estamos, por vós esperamos” - me dava arrepios. Afinal, não havia nada melhor para se por no lugar de descanso dos mortos? Isso me parecia um mal agouro, como se eles permanecessem na expectativa do nosso embarque na necrópole, a derradeira viagem. Todavia,

Bertholdo possuía um enorme poder de persuasão, daria, inclusive, um excelente advogado.

Às oito horas meus avós e tios, primos mais velhos e recém nascidos, todos se encontravam em minha casa, saboreando um ceia singela, típica do interior, rica em frutas e carne de porco, e a tão popular rabanada. Naquela época, tínhamos o costume de filar a bóia do Natal na casa de todos os amigos antes da meia-noite, e foi com essa desculpa que eu saí de casa e encontrei-me com Eliézer e Bertholdo, conforme o combinado. A noite estava nublada e ameaçava chover, o calor era sufocante. Seguimos calados até o cemitério, cercado por arame farpado e algumas graxas, um tipo de hibiscos de flores vermelhas, mal podadas e disformes, entrelaçando-se nos galhos de árvores desfolhadas, que também existiam em seu interior e que causavam arrepios à distância. Aproximamo-nos do portão de madeira velho, cheio de limo e tentei abrí-lo.

— Está trancado... — eu disse.

— Isso é irônico, não é mesmo? Como se alguma alma penada precisasse do portão para sair do cemitério! — disse Bertholdo passando por entre a cerca, com certo cuidado. Trazia um grande saco de pano amarelado e uma atiradeira na cintura. — Vocês não vêm?

— Mas é claro que vou! — respondeu Eliézer falseando seu terror de forma bastante teatral, acompanhando o ruivo, e eu os segui. Chegamos até uma cova recente, sem grama, sem flores, nem homenagens.

— E agora? — perguntei.

— Segure a garrafa aqui. — disse-me, tirando o artefato de vidro do saco de pano e entregando-me. Empunhou a estaca - que não era pequena como eu a imaginava, contudo, não era grande o suficiente para alcançar o peito da velha a sete palmos de terra - e preparou-se rapidamente para o golpe, mas foi interrompido pelo gordinho.

— Deixe que eu faça isso! — disse ele tomando-a das mãos de Bertholdo, com uma súbita e inesperada coragem. Até hoje não sei o porquê dessa atitude. Não fazia o menor sentido! Que ele escondesse seu medo de nós, e principalmente de Bertholdo, que usara isso como arma contra ele, tudo bem, mas daí a ele próprio executar o plano do ruivo, isso não tinha nenhum sentido. Ele mirou a estaca no centro do sepulcro e cravou-a com todas as forças que possuía, cortando as mãos no ato.

— Acabou? — perguntei secamente, e ao mesmo tempo perturbado. Desejava sair dali o quanto antes. Teria sido melhor não ter perguntado. Subitamente o chão tremeu, numa proporção que não chegava a ser um terremoto no Japão, mas que poderia ser sentido a uma considerável distância e então deixei cair a garrafa que espatifou-se no chão, ao mesmo tempo em que fendas enormes se abriram nele, deixando vir a tona vermes, baratas, ratos e a maior quantidade de imundície que já vi em toda minha vida, como se fugissem de algo. Senti que era o mesmo que deveríamos fazer e como numa transmissão de pensamento, corremos apavorados, gritando por socorro, mas incrivelmente, ninguém parecia nos escutar. Em dado momento, já quase na cerca por onde passamos, demos por

falta de Eliézer e olhamos para trás. O gordinho havia ficado preso em alguma coisa, e voltamos correndo para ajudá-lo.

— Ela está me segurando! Ela está me segurando!
— repetia ele aos berros, cravando suas unhas ao chão na ânsia de livrar-se do que quer que fosse que o estivesse prendendo e fugir conosco. Então vimos surgir da sepultura a velha, tão horripilante quanto antes, porém, com os cabelos completamente soltos e desgrenhados e os olhos vermelhos e brilhantes como fogo. Tinha um grito medonho, como uma rasga-mortalha, semelhante a uma gargalhada estridente. Caímos e recuamos um pouco. Eliézer estava sendo puxado para dentro da cova e desesperadamente tentava se agarrar ao chão. Estiquei um galho em sua direção, mas ele não pode alcançá-lo, e então o vi desaparecer chorando e implorando por socorro, chamando por sua mãe.

— Vamos embora! Vamos! Não podemos ajudá-lo mais! Venha! — gritava Bertholdo, o mais medroso dos corajosos, puxando-me pelas mãos.

— Não conte isso a ninguém! Ninguém, me ouviu? — insistia ele pelo caminho, enquanto chorávamos em passo estugado de volta para casa.

Aquele foi o pior natal da minha vida. Como foi difícil ir para casa, e pensar em meu amigo que não veria nunca mais! Seus pais o procuraram por dias, meses, anos, incessantemente. Interrogaram a mim e a Bertholdo, e mentimos deliberadamente. E mesmo que quiséssemos dizer a verdade, ninguém nos acreditaria, até porque nós mesmos não

podíamos acreditar no que havia acontecido. A bruxa existia de fato e levara nosso amigo, que deve ainda hoje estar abraçado ao colo dela, em seu sono eterno.

Eu e meus pais mudamos no limiar do ano seguinte, devido a uma nova oportunidade de emprego na capital e perdi contato com Bertholdo, só voltando a vê-lo nas comemorações do natal deste ano, quando fomos passar a data com meus avós em Santa Cruz. Ferrugem estava internado há quase uma semana, vítima de pneumonia.

Seu estado me desesperou. Estava só pele e osso. Continuava a insistir para que eu não contasse o ocorrido no ano passado a ninguém, o que tornei a prometer segurando suas mãos. Despedi-me com os olhos cheios de lágrimas e nunca mais voltei a vê-lo. Bertholdo morreu às 23:34 do dia vinte e quatro de dezembro.

Outro natal! Dois anos seguidos! Não podia ser coincidência, era a bruxa, definitivamente. Desde então carrego este fardo sozinho, e espero todos os natais como a própria morte. Passou um ano, dois, três... décadas se passaram, mas isso só serviu para aumentar meu temor por esta data. Por que apenas eu restei daquele pequeno grupo de garotos do interior que ousou violar o túmulo de uma bruxa, em pleno natal? Sei que a velha me espreita, e a qualquer dia me alcançará.

Tornei-me um adulto triste e taciturno, e hoje temo não apenas por mim, mas por minha mulher e meu filho, que, aliás, não sabem nada sobre o assunto, assim como nenhuma outra pessoa. Cumpri o que prometera. Exceto por

este relato, que guardo a sete chaves, e que se algum dia for de conhecimento de alguém, é porque certamente meu encontro com a bruxa já terá sido certo.

Antes que eu me esqueça, naquela lúgubre, natalina e macabra noite, Eliézer ganhara de fato uma bicicleta, guardada ainda intacta em sua casa em Santa Cruz. Nunca mais esqueci o rosto do gordinho sendo tragado pela bruxa...

(Extrato do Diário de Sr.^a Michelle F. Garcia, esposa do Sr. Emídio Castro Garcia - 27 de dezembro de 1987)

Oh! Como encontrei forças para escrever em meu diário, depois de tanto sofrimento? Como poderei dizer isto? Apenas Deus pode dar forças aos que o temem!

Eu, meu marido e meu filho viemos a Santa Cruz - terra em que ele nasceu - muito por insistência minha, pois ainda não a conhecia, assim como meu filho, aproveitando os festejos de natal. Sempre foi um homem sério, mas desde que decidimos que viríamos aqui, mudou por completo. Vivia calado e pensativo. Cheguei a pensar que se tratasse de alguma paixão da juventude, mas parece que pressentia algo. Antes fosse uma mulher!

Nos hospedamos em um hotel pequeno, distante uns dois quilômetros do centro, o que não era nem um pouco longe, considerando-se o tamanho da cidade.

Estava tomando banho, preparando-me para a ceia do dia vinte e quatro, quando ouvi um som pavoroso. Um grito, seguido de vidro a estilhaçar-se e madeira se quebrando. Enrolei-me em uma toalha rapidamente e fui ver o que acontecera. Meu filho estava próximo a uma janela inteiramente destruída, chorando desesperadamente. Um choro que assemelhava-se a uma gargalhada, de tão intenso que era. Lá embaixo jazia meu amado Emídio, com as pernas e braços contorcidos de forma bizarra, com a aparência de um boneco marionete. Uma grande poça de sangue se formava rapidamente sob seu corpo, e seus olhos vitrificadas, tinham uma expressão de profundo terror...

DESEJOS DE NATAL

Lino França Jr.

O relógio parecia acelerar seu compasso minuto a minuto. Minha vista cansada começava a embaçar em frente ao computador. Eu era o único no escritório naquela véspera de Natal. Minha mulher já havia me ligado cinco vezes relatando a chegada de cada um dos familiares à nossa casa. Eu precisava terminar aquele relatório, caso contrário, minhas férias, pós-Natal, estariam comprometidas e nossa viagem para o litoral teria de ser adiada. Onze horas da noite, essa era minha meta. Teria tempo de chegar em casa, tomar um rápido banho e cear com a família e os amigos. Finalmente terminei o trabalho. Não teria tempo de revisá-lo, mas não poderia me dar a esse luxo também. Meu planejamento estava dentro da proposta inicial.

Saí do estacionamento do prédio e enquanto dirigia notava as ruas vazias. As avenidas enfeitadas e iluminadas contrastavam com alguns mendigos jogados pelas calçadas. A vantagem de dirigir àquela hora era contar com as ruas extremamente livres de carros. Tinha tempo de sobra. Não havia esquecido nada, finalmente. Ou havia?

- Droga! – gritei, assim que me dei conta de não ter comprado o presente para meu filho, Lucas.

Dei uma guinada com o carro e segui em direção às ruas de comércio da cidade. Não podia cometer aquela falha. O garoto de oito anos havia tido um comportamento exemplar

nos últimos meses, muito em razão da promessa de um belo presente de Natal.

Cheguei ao centro comercial e minhas esperanças se esvaíram quase de imediato. Apesar das vitrines festivas e iluminadas, todas as lojas estavam fechadas. Estacionei o veículo e parti a pé, como se isso me ajudasse em minha busca. No íntimo, talvez acreditasse que um dono de loja ou vendedor ainda estivesse atrasado como eu, dentro de algum estabelecimento. Desci a rua olhando para todos os lados, mas na última esquina percebi que minha procura era em vão. Nenhuma das lojas estava aberta. Cabisbaixo, segui em direção ao carro já pensando em uma boa desculpa para dar ao meu filho. Difícil seria ver a decepção no rosto do garoto, além de levar um belo puxão de orelhas da minha mulher. Ao chegar à porta do carro o milagre aconteceu. Como por encanto, do outro lado da rua, uma pequena loja de brinquedos mantinha sua porta aberta. Esfreguei os olhos para confirmar aquela visão, e atravessei a rua como um raio. Estranhamente não havia notado aquela pequena loja na rua bem em frente onde estacionara.

Aliviado, adentrei à pequena loja. Prateleiras por todos os lados exibiam belíssimos brinquedos feitos à mão. Marionetes, bonecas de cerâmicas, carrinhos de madeira, um sortimento imenso de jogos e brincadeiras de minha infância, me enchiam os olhos de nostalgia. Olhava tudo com atenção até ser surpreendido por uma voz vinda do fundo da loja:

- Alguma coisa lhe agradou, senhor?

Olhei para o homem que saía detrás de um balcão. O atarracado homem por muito pouco não seria considerado um anão. Usava um macacão jeans desbotado sobre uma camisa de gola branca. Uma barba rala cobria-lhe o queixo terminando num bigode mal aparado sob o nariz. Os olhos azuis eram protegidos por óculos redondos que pareciam de brinquedo. Se o pequeno homem não houvesse falado comigo, eu juraria que ele era mais um boneco entre tantos outros daquela misteriosa loja.

- Sim, na verdade muita coisa me agradou – respondi. – Principalmente o fato da sua loja ainda estar aberta a essa hora.

O homem ameaçou um sorriso antes de responder:

- Eu moro nos fundos da loja, por isso mantenho as portas abertas para os clientes atrasados e esquecidos – disse ele, me olhando por cima dos óculos. – E eles sempre aparecem atrás de algum brinquedo para seus filhos.

Senti algo estranho naquele ambiente, e alguma coisa naquele homem me causava desconforto. Ainda assim, estava feliz. Corri os olhos pela loja mais uma vez, pois o relógio não parava de correr. Tudo era tão bem feito que eu tinha dificuldade em escolher o presente certo.

- Em dúvida? – perguntou o homem.

- Na verdade, sim. Seus brinquedos são maravilhosos, mas não tenho certeza se essas peças tradicionais agradarão ao meu filho. O senhor sabe como são as crianças de

hoje, tão acostumadas com as modernidades eletrônicas.

- Acho que tenho o presente perfeito para um garoto de oito anos – disse o homem se dirigindo para o fundo da loja.

Novamente aquela sensação estranha me incomodou. Não me lembrava de ter dito a idade de Lucas ao vendedor. Aquele ambiente começava a me amedrontar. Na parede, um relógio antigo permanecia com os ponteiros parados marcando exatas doze horas. Antes de me virar para sair da loja, o homem surgiu do nada:

- Aqui está, meu senhor – disse ele estendendo-me um estojo preto retangular.

Apanhei a caixa e coloquei-a sobre o balcão, curioso. Puxei a tampa de madeira para descobrir o que havia lá dentro. O conteúdo parecia ter uma luz própria, pois ao ser aberta, a pequena caixa iluminou o fundo da loja. Lá dentro, um boneco repousava sobre um fino papel de seda lilás. O boneco extremamente bem feito vestia um macacão verde musgo sobre uma camisa branca de cetim. Os olhos azuis eram cobertos por óculos redondos e dourados. Uma barba branca e impecável cobria-lhe boa parte do rosto rosado. Além disso, um gorro em forma de cone, no mesmo tom verde da roupa, protegia sua cabeça redonda. Com exceção de pequenas alterações, aquela era uma cópia perfeita do dono da loja que me atendia. Olhei do boneco para o homem, que mais uma vez exibia um sorriso sinistro nos lábios, e antes que eu pudesse dizer qualquer coisa ele falou:

- Eu sei, o boneco se assemelha a mim, mas essa é só uma feliz coincidência.

Percebendo minha desconfiança com aquilo tudo, ele continuou:

- Esse é *Shovan*, o gnomo dos desejos. A cada primeiro dia do ano, aquele que for seu proprietário deve colocar uma moeda no bolso de seu macacão e fazer um único pedido, que será realizado no decorrer daquele ano. No calendário seguinte, poderá ser feito um novo pedido.

- Que história interessante – disse eu.

Para mim a história era bem mais atraente que o próprio boneco, e talvez, aquela fosse uma boa saída para explicar um presente tão inusitado para o meu filho.

Acertei o pagamento com o homem, agradei e saí da loja. Antes de entrar no carro, fiz um último aceno ao pequeno homem que aguardava sob o umbral da loja do outro lado da rua. Mesmo àquela distância pude notar o peculiar brilho de seus olhos azuis.

Cheguei apressado em casa e entrei pelas portas dos fundos. Antes de chegar ao banheiro da suíte, dei de cara com minha mulher com expressão sisuda.

- Desculpe o atraso, amor – e antes que ela

perguntasse, completei. – Mas não se preocupe que comprei o presente do Lucas.

Seu rosto pareceu suavizar-se um pouco ao notar o estojo em cima da cama, e assim, corri ao chuveiro para não perder mais tempo.

Ao sair do banho, levei um susto ao perceber que a caixa preta estava aberta sobre o colchão, e o boneco não estava mais lá. Apenas com a toalha enrolada no corpo, fiz menção de abaixar-me para procurá-lo em baixo da cama, mas fui surpreendido por uma risada infantil que invadiu o cômodo. Atrás da porta, Lucas brincava com o gnomo dos desejos, e nem pareceu notar minha presença.

- Ora, ora. O senhor não pode esperar até receber o presente? – indaguei.

O garoto correu ao meu encontro e me abraçou com força, sem deixar de soltar o boneco.

- Eu adorei, papai. Não esperava esse presente, mas eu adorei assim mesmo – disse ele realmente feliz.

- Que bom que gostou. É bom ganhar um presente diferente de vez em quando, não é, filhão?

O garoto já estava na porta do quarto, animado para mostrar o novo presente para os familiares, mas antes de descer as escadas, falou:

- Eu sempre quis ter um gnomo dos desejos.

Fui assaltado pela mesma sensação desconfortável

que senti dentro da estranha loja. Apanhei a caixa de madeira sobre a cama apenas para constatar o que eu já sabia: não havia menção alguma que aquele boneco incomum era um gnomo dos desejos, logo, meu filho não tinha como ter aquela informação.

A ceia de Natal ocorreu normalmente. A casa estava cheia e a harmonia reinava naquela noite. Reparei que Lucas não largava do boneco em nenhum momento.

Depois das três da manhã, o silêncio dominava a casa. Todos os parentes e amigos passariam a noite por lá. Os quartos de hóspedes estavam lotados, e na sala de estar os colchões espalhados pelo chão já estavam devidamente ocupados. Quando confirmei que tudo estava na mais perfeita ordem, me recolhi ao meu quarto. Antes de me deitar, ouvi uma voz da qual não conhecia vinda do quarto de Lucas. Abri a porta com cuidado, a tempo de ouvir meu filho dizer a alguém:

- Não se preocupe, não vou deixar ninguém me separar de você...

- Com quem você está falando, Lucas? – perguntei ao constatar que não havia mais ninguém no quarto.

- Com ele, pai – respondeu ele, levantando as cobertas e me mostrando o pequeno gnomo deitado ao seu lado.

Mesmo me sentindo estranho com a presença daquele boneco na casa, adormeci quase que instantaneamente. Em pouco tempo, fui desperto por um grito pavoroso vindo do andar de baixo da casa. Saltei da cama e logo notei que minha mulher não estava ao meu lado. Segui abrindo as portas dos outros quartos, e não havia ninguém nos cômodos. Nem mesmo Lucas estava em seu quarto. Um novo grito gutural irrompeu pela casa fazendo os pêlos do meu corpo arrepiarem-se. Voei pelas escadas imaginando o pior. Dessa vez fui surpreendido por uma gargalhada infantil. Vasculhei os corredores, cozinha, banheiros até chegar na sala de estar. Minhas pernas fraquejaram diante daquela visão. Todos os amigos e familiares estavam inertes pelo chão. O sangue que cobria seus corpos derramava-se pelos móveis e paredes, formando enormes poças sobre o tapete. Não conseguia entender o que os havia assassinado, nem como e nem porquê. Uma nova risada encheu o ambiente. Dessa vez reconheci a voz de Lucas vinda do lado da porta de entrada onde estava uma poltrona alta de costas pra mim. Pé ante pé, me aproximei chamando seu nome quase num sussurro. Com cuidado e temendo o que encontraria, cheguei até a poltrona onde Lucas estava sentado. Ao lado do gnomo, que permanecia com um sorriso estampado na cara e que não existia quando eu o comprei, meu filho, Lucas, contava dezenas de moedas douradas com as mãos cobertas de sangue. Antes que eu pudesse lhe perguntar qualquer coisa, ele me perguntou:

- Quer fazer um desejo, papai?

Acordei do pesadelo num salto. Minha esposa saía do banheiro com a escova de dentes na boca, e me olhou com espanto.

- O que foi? – perguntou ela, notando o meu estado.

O suor colava meu pijama no corpo. Pela janela já era possível observar que o sol surgira no céu. As primeiras vozes já eram ouvidas no andar de baixo da casa. Respirei fundo ao averiguar que tudo estava bem. Fora apenas um sonho ruim. Deitei na cama, aliviado, até perceber que algo me observava no quarto. No criado-mudo, o sinistro boneco de Lucas me fitava com seus assustadores olhos azuis. Não esperei mais. Peguei o gnomo dos desejos e o enfi em uma mochila. Nem mesmo troquei de roupa, e desci as escadas em direção à garagem, sem nem mesmo responder as perguntas daqueles que já estavam em pé e me viam correr como um louco segurando uma mochila. Saí em disparada com o carro, cortando até mesmo os faróis vermelhos das avenidas. A cidade ainda não havia acordado completamente naquela manhã de Natal, o que me ajudou a chegar mais rapidamente ao centro comercial. Parei o carro e desci do veículo deixando sua porta aberta. Não conseguia entender, pois apesar de ter certeza da exata localização da loja, ela não estava mais lá. Em vez da vitrine de vidro com diversos brinquedos antiquados em seu interior, um tapume escuro cercava todo o espaço onde há menos de dez horas eu havia estado. Não havia mais dúvida. Algo de muito estranho

acontecera a mim naquele lugar, e a única prova do que ocorrera era o maldito boneco que agora estava trancado dentro da mochila. Corri para meu carro e parti para um novo destino. No limite da cidade, onde um precipício tinha como fundo as águas turvas e traiçoeiras de um rio, arremessei a mochila com o boneco, assistindo sua queda e seu desaparecimento na correnteza violenta. Esperei por mais alguns minutos para que nada de sobrenatural acontecesse. E nada aconteceu. Com um suspiro de alívio, voltei ao carro.

O sol forte deixava o dia claro e agradável. Me recompus e parti em direção de casa. Tudo havia sido resolvido. A mim só restava encontrar uma boa desculpa para o sumiço do presente recém ganho por meu filho, mas, nada que um vídeo-game de última geração não o fizesse esquecê-lo.

Baixei o vidro do carro deixando a brisa fresca da manhã me fazer companhia, pois em nenhum momento, notei que era observado por *Shovan*, o gnomo dos desejos, que permanecia sentado no banco de trás do carro me fitando com seus terríveis olhos azuis.

UM PRESENTE DE NATAL PARA OS MORTOS

Luciano Barreto

Depois de trabalhar trinta anos em uma Prefeitura do interior do Estado do Rio de Janeiro, achei que teria descanso ao aposentar o bisturi e, assim, não mancharia mais meu jaleco com sangue.

Foi preciso ter um estômago forte e um psicológico mais forte ainda para aprender meu ofício. Os detalhes não são pertinentes agora, pois hoje, nessa época natalina, e apesar de morar sozinho, nunca mais estive só. E é aí que me achava em desgraça; e é aí que o sobrenatural sobrepujou as primeiras e assustadoras cenas de uma necropsia e causou incomparável pavor em mim. A manifestação do sobrenatural é o cerne desta história, entretanto, mais incrível do que a horrível manifestação, é seu motivo.

Tudo começou quando percebi algumas situações inusitadas e estranhas. Um copo que, na minha rápida ausência, mudou sua posição e se aproximou do limiar da mesa. Uma colcha que eu havia deixado dobrada sobre a cama e depois de voltar ao cômodo estava desarrumada, também no limiar do leito. O chuveiro que funcionou no meio da madrugada, mas a água não desceu pelo ralo, isto é, contrariou o caimento

do chão e se empoçou num canto do piso. Ou o lustre que, antes pendurado, passou a contradizer a lei da gravidade e estranhamente assumiu um impossível ângulo inclinado. Meus olhos nada viam, mas o coração padecia com um sentimento inquietante. O detalhe mais dramático, angustiante e medonho é que todos os objetos e manifestações apontavam para o uma mesma direção, um mesmo sentido: o norte.

Essas são as coisas que eu vinha ouvindo e vendo nesses cinco meses de aposentadoria. Tudo começou na primeira noite como aposentado. À tarde, abracei meus colegas, despedindo-me de todos. Enquanto a noite se avizinhava lentamente, eu pensava nos milhares de mortos que abri e fechei com os enferrujados e cegos bisturis do IML local.

Naquela tarde de partida, não quis conhecer meu substituto na lida com os falecidos. O sujeito iria chegar às 19h para iniciar o plantão noturno. Às 18h30 eu já estava em minha residência. Soube que era um jovem que fora aprovado em um concurso público para o recém-criado cargo de Técnico de Medicina Legal do Estado do Rio de Janeiro. Esses concursados iriam substituir os servidores das Prefeituras com o passar dos meses. Devo ter sido um dos primeiros a ser sacado da labuta mortuária. Os médicos legistas mais antigos afirmaram que o neófito não tinha zelo com os corpos que lá eram examinados.

Foi na noite de natal de 1991 que eu acordei, após beber muito na rua para ter coragem de enfrentar mais uma noite fantasmagórica em minha casa, com o horrível gosto acre na boca. A nuca doía muito. Cambaleando, ergui meu cansado e suado corpo e fui lavar o rosto. Não sem antes perceber que o ventilador estava desligado da tomada, mas mesmo assim girava lentamente no sentido contrário ao normal, quando ligado. Esquadrinhei a situação com algum temor, e cheguei à conclusão de que as três pás giravam para o norte. Então, o temor graduou-se para medo. Por cinco meses, não fiquei em paz na minha casa. Alternava medo com raiva. Praguejei e rumei para uma pequena varanda onde ainda hoje me sinto mais à vontade para dar uns tragos em bebida mais destilada que a cerveja. Ali eu vi que a garrafa de cana estava deitada sobre a mesa e direcionada para a mesma direção que as pás do ventilador giravam. Algumas gotas ainda vertiam o líquido alcoólico. As reincidências das manifestações sempre adicionavam desespero e raiva ao medo. Lavei o rosto, tomei quase um litro de água e saí de casa bem assustado e triste, o que havia se tornado uma rotina.

Caminhava acompanhado pelo medo e falta de esperança para solução dos meus problemas. Pensei em procurar ajuda espiritual, mas nunca acreditara em tais curas. Em certo momento, absorvi em meus pensamentos, algo me assustou. Era uma placa que informava aos motoristas que mais adiante teriam acesso à BR-101 Norte. Senti um espasmo de horror e minha dolorida nuca se arrepiou quando vi que

um dos arames da placa se rompera e ela deslizara alguns centímetros no poste, tendo a seta indicativa sido desviada em direção a um prédio velho. Imediatamente, associei a placa ao IML. Por muitos anos, vi-a quando me dirigia para o serviço no necrotério. Então, instintivamente, olhei para onde a placa apontava. E nesses cinco meses afastado, nada vi de diferente. Lá estava o mesmo prédio velho e surrado. Lá estava o IML local. Eu caminhara sorumbático e não percebera que estava perto do necrotério. A decisão de não voltar lá ainda estava em vigor. Apesar de ter amigos lá, não achei prudente regressar ao setor, pois eu não aceitara a sumária aposentadoria. Ou me aposentava ou iria trabalhar com papéis na Prefeitura. À época, preferi a aposentadoria. Disse para mim mesmo que seguiria caminhando a esmo, a fim de me distanciar das ocorrências sobrenaturais que rondavam minha casa. Entretanto, uma movimentação estranha no local me deixou curioso. Vários repórteres, muitas viaturas policiais, uma multidão entupia o lugar. Havia uma espécie de cinturão de proteção no qual os policiais militares isolavam o local para que as pessoas não entrassem no IML. Sendo a cidade pequena, o alarido logo ganhou notoriedade para os munícipes. Contrariando o que já estava decidido, resolvi me aproximar para saber o que estava acontecendo.

Um dos repórteres me conheceu e perguntou o que havia acontecido. Eu disse que não sabia, pois estava chegando naquele exato momento. Embrenhei-me na multidão e consegui chegar à porta principal da qual entrei e saí por muitos

e muitos anos da minha vida e que, quando da aposentadoria, julguei nunca mais cruzar. Um dos PMS me advertiu para que não tentasse entrar no local. Eu assenti e fiquei parado apenas olhando a movimentação.

Um homem de terno andava de um lado para o outro. Dois detetives conversavam. Havia alguns policiais militares lá dentro também. E consegui ver também um perito legista, o doutor Morigute, que era um grande amigo. Ele estava sentado com a cabeça enterrada nas mãos. Parecia lamentar algo. Subitamente, sofri um forte esbarrão nas costas. Surpreso, vi que era o diretor do IML, o outro perito legista com quem também possuía grande amizade. Seu nome era Eliseu. Ele estava tão apressado que nem havia me visto. O diretor passou pelos militares da entrada e foi conversar com o homem de terno, depois foi ter com o médico que parecia extremamente desolado. Em seguida entrou no corredor que conduzia à sala de necropsia; posteriormente regressou e com ele apareceram dois peritos criminais. Achei bastante estranho, pois peritos criminais e sala necropsia não era uma combinação que vi muitas vezes.

Havia um grupo de pessoas que gritava palavras ofensivas. Alguns outros falavam que em pleno Natal não poderiam sepultar seu parente. E criticavam a polícia com um sem-número de palavrões. Elas reclamavam a entrega de um cadáver. O doutor Eliseu voltou-se para a primeira linha

da multidão onde nós - eu e as pessoas que reclamavam da demora da entrega do corpo - estávamos e olhou com o rosto inexpressivo. Quando me viu, arregalou os olhos e veio ao meu encontro. Empurrou um dos PMS – o mesmo que me advertira para não entrar no IML -, puxou-me pela manga da camisa para dentro do saguão central e me disse que havia ligado para minha casa. Eu informei que havia saído desde cedo. O médico me levou para uma sala e disse chiando como um asmático:

- Preciso de sua ajuda. Não há ninguém para dissecar dois corpos – ele revelou com os olhos bem abertos.

- Estou percebendo, doutor. A família está indômita lá fora.

- Olhe, Francisco, estou com um problema daqueles. É algo inacreditável.

- Conte doutor Eliseu. Ultimamente, ando acreditando no inacreditável.

- Venha comigo - saímos da sala e seguimos para o corredor que conduzia à sala de necropsia. No caminho ele parou e falou com o sujeito que trajava o terno cinza, depois me apresentou-o; era o delegado de polícia da cidade. Então, o delegado falou discretamente ao meu ouvido:

- Contamos com sua ajuda, senhor - eu assenti ante a seriedade com a qual ele se pronunciara.

Pela segunda vez senti um calafrio quando caminhei em direção àquela sala de necropsia. A primeira vez

fora quando debutara no serviço fúnebre. No decurso de cinco meses, tal qual a fachada da construção, nada havia mudado. Paredes bolorentas, piso danificado e pouca iluminação. A antecâmara do terror, eu apelidara aquele corredor. Na soleira da porta imediatamente anterior à dita sala, o doutor Eliseu me revelou o ocorrido.

- O fato é que o morto matou o vivo. Alfredo, o Técnico de Medicina Legal novato, estava lavando um defunto, parente dessa grande família que está aí fora, e a rigidez cadavérica era tamanha que os dedos do cadáver estavam extremamente retesados. Num movimento infeliz, dois dedos do morto engancharam no guarda-mato do revólver que estava num coldre do tipo semi-aberto do novato e para não sujar a arma de sangue ele não quis segurá-la com as mãos, pois naquele momento vestia luvas e estas estavam ensanguentadas. Assim, o garoto tentou se desvencilhar com algum movimento mais brusco. Acharmos que Alfredo calculou que os dedos do falecido estavam presos no coldre, mas por fora e não na parte exposta, onde se localiza o guarda-mato e o gatilho. Eu falei para esse moleque não usar arma enquanto trabalhasse na dissecação dos corpos. Resumo da estória; a arma disparou e atingiu a femural do novato que sangrou até morrer. O legista de plantão alega que alguém o trancou no alojamento pelo lado de fora. A perícia comprovou que um barrote fora colocado entre a porta e a parede, impedindo que o perito saísse para saber a causa do tiro e para ver se alguém havia se machucado.

Ele abriu a porta e eu vi os cadáveres. O novato estava arriado no chão, perto da mesa de necropsia. Seu corpo estava encoberto por uma penumbra, mas vi seu rosto que refletia a imagem de algo horrivelmente sobrenatural. O outro defunto estava deitado de barriga para cima, nu e descalço. Suas mãos estavam cruzadas sobre o peito.

- O que os peritos criminais falaram? – perguntei curioso.

- Estavam com tanto nojo do local que nem examinaram com argúcia toda a área.

- Meu Deus! – falei com profunda sinceridade e incredulidade.

- Eu sei – confessou o diretor -, é realmente incrível uma coincidência dessas.

- Não falo disso, doutor Eliseu. Falo daquelas pegadas ensanguentadas que estão quase imperceptíveis junto às paredes. Veja – o homem girou o próprio corpo, espantado -, elas vão do primeiro falecido - o que a família aguarda lá fora - até o alojamento e depois, em alguns momentos, se sobrepõem; como se fosse um caminho de volta.

- Pai do céu! Meus olhos não estão vendo isso - o diretor do IML coçou a cabeça, olhou para os lados e disse:

- Os peritos já vistoriaram e liberaram o local. Assim, peço que você limpe as pegadas. Conversei com o delegado e você será reconduzido ao cargo de Auxiliar Municipal de Necropsia, mas a aposentadoria é definitiva. Daremos uma

ajuda de custo a você. A capital não tem outro Técnico para enviar à nossa cidade. E você sabe: esse é um serviço tão digno e essencial quanto qualquer outro. Francisco, preciso que você trabalhe nesses dois corpos. Eu assinarei o laudo. Comece pelo desnudo porque os parentes estão a ponto de invadir isso aqui. Depois examinaremos o corpo de Alfredo e vamos procurar o projétil que supostamente o matou. A família dele está chegando da capital. O que acha? Tem interesse? - o médico temeu minha resposta.

- Tudo bem, doutor Eliseu. Creio que posso ajudá-lo. Será uma espécie de terapia para mim. Sempre gostei de trabalhar aqui. E aprendi a respeitar esse ofício.

O médico abriu um sorriso comedido e apertou minha mão. Coloquei o avental e me aproximei do homem que jazia na mesa de exame necroscópico. Na movimentação habitual, reparei que alguém colocara algumas luzes natalinas e uma guirlanda na sala de necropsia. Louvei aquela atitude. Eu não teria pensado nisso. Então, achei ter visto a sombra de um sorriso de satisfação no rosto do defunto desnudo que sumiu quando me detive com funesta atenção, após direcionar o foco de luz branca para seu rosto. Instintivamente, reparei em suas mãos. Movi a luz a fim de iluminá-las. Vi que pequeninos pedaços de madeiras estavam cravados nas mãos; eram farpas de madeira. E a falange distal do dedo indicador direito estava coberta de sangue. O doutor Eliseu estava escrevendo numa mesa mais afastada da mesa de exame e me olhou com uma

imensa interrogação na cabeça. Tive certeza que se eu não falasse das farpas, ele não saberia. Por decisão minha, ele não soube. O legista também não soube da inscrição feita com sangue na parte interna do antebraço esquerdo do cadáver. Quando a vi, demorei quase um minuto inteiro para me recobrar. Meus olhos, marejados, piscaram algumas vezes. Com imenso cuidado, fui lavando a frase: Seja bem-vindo.

UM CERTO PAPAÍ NOEL (OU O INVER- SO DO NATAL)

Luiz Poletto

O gosto na boca tornou-se amargo quando o cigarro começou a queimar no filtro. Eu mal percebi, pois ainda estava hipnotizado pela parede vermelha à minha frente. Vermelho: a cor que algumas pessoas associam com paixão; não vejo como essa cor pode ser paixão, sinceramente. Vermelho lembra Papai Noel e aquela sua roupa ridícula. Vermelho lembra as bolas da minha velha árvore de natal. O rótulo da coca-cola sobre a mesa. Sangue, vermelho lembra sangue. Muito sangue.

Havia uma lenda na minha cidade natal que dizia que Papai Noel era uma figura inventada para substituir a figura do famoso bicho-papão. Pelo menos na minha cidade, a lenda dizia que o bicho-papão não saía de dentro do armário; ao invés disso, aparecia na noite de natal para levar as crianças em seu imenso saco vermelho. Depois da criação do mito do Papai Noel, a lenda sofreu algumas variações através do tempo, e a mais recente dizia que Papai Noel levava as crianças para servirem de alimento às renas – e era daí que elas tiravam a sua capacidade de voar: alimentando-se das almas puras e inocentes.

Eu nunca acreditei em lendas e fiz questão de que meus dois filhos – Ariel e Samuel – nunca tomassem conhecimento da história, mas era óbvio que eles tomaram conhecimento da lenda, afinal, todos na cidade a conheciam. Quando me perguntavam, eu desconversava. E ponto final. Hoje, entretanto, me pergunto se eu deveria ter dado mais atenção à esta famigerada lenda. Hoje, após todos os acontecimentos que tornaram minha vida insuportável, eu tenho certeza de que deveria ter acreditado em lendas.

Era uma noite de véspera de natal e o calor chegava aos 32 graus. Havíamos feito a ceia e nos divertido um bocado. Depois que minha esposa Anne colocou as crianças para dormir, seguimos a tradição de colocar os presentes ao pé da árvore de natal para que as crianças os encontrassem no dia seguinte. Era o décimo natal de Ariel e o oitavo de Samuel, e todos os natais anteriores seguiram rigorosamente esta tradição. Pudera eu voltar no tempo e fazer diferente daquela vez. Sem presentes, sem árvore, sem Papai Noel.

Anne sempre insistia para que dormíssemos perto das crianças, com medo de que elas levantassem de madrugada e fossem pegas pelo bom velhinho. Eu, é claro, repudiava a idéia e sempre impus a minha vontade de não deixá-la fazer isso. Era por volta de meia noite e trinta quando Ariel se levantou da cama (até hoje não sabemos se para pegar os presentes ou para ir ao banheiro) e passou pela sala; eu e Anne dormíamos um

sono pesado e delicioso nesta hora e não ouvimos quando ela se levantou. Não sabemos o que houve. Só me lembro de acordar com o grito desesperado de minha filha e o barulho da porta da rua sendo aberta à força. Acordei assustado e corri para a sala para encontrar a porta da rua destruída e minha filha desaparecida. Não sei se foi raiva ou desespero que tomou conta de mim naquele momento, mas sei que corri mais ou menos doze quilômetros em busca de Ariel. Mesmo a polícia, durante seis meses, não a encontrou. Anne atribuiu seu sumiço ao Papai Noel; eu acredito (acreditava, é melhor frisar isso agora) que ela tenha tido uma crise de sonambulismo e desapareceu noite afora.

Os meses após o sumiço de Ariel foram de tristeza. Mesmo aceitando que ela já estivesse morta, era difícil não ter o seu corpo para enterrar. Ainda assim, tentamos levar a vida da forma que nos era possível. Passamos a dedicar total atenção a Samuel, que foi o único filho que nos restou e tornou-se mais especial e amado do que já era antes. Anne passou por um momento bem difícil e quase precisou ser internada, mas felizmente, superamos tudo juntos (embora discordássemos quanto à razão do sumiço de nossa filha).

Dois anos se passaram até que conseguimos superar de vez o trauma ocorrido, com isso voltamos a comemorar o natal (coisa que não fizemos no ano anterior – a dor era muita naquele momento). Tudo preparado como de

costume: ceia, presentes, árvore de natal e até uma foto do Papai Noel ajudou a decorar a sala. Eu e Anne quase chegamos ao divórcio quando eu quis seguir a tradição de deixar os presentes embaixo da árvore de natal para que Samuel os encontrasse no dia seguinte. Após muita discussão, consegui convencê-la a aceitar, propondo que eu dormisse um pouco mais tarde e ficasse atento para o caso de Samuel acordar e ir para a sala.

A vida é cruel algumas vezes, e algumas pessoas parecem escolhidas a dedo por Deus ou quem quer que governe o Universo. Samuel levantou-se no mesmo horário em que Ariel havia levantado dois anos antes, mas desta vez eu estava um pouco mais atento, e ouvi quando ele abriu a porta do quarto e dirigiu-se à sala. Levantei da cama sem acordar Anne, e bem devagar, segui Samuel. Eu estava sonolento, mas creio que as palavras que cuspo agora neste papel estão bem fiéis ao que vi – ou penso ter visto. Ao chegar na sala, Samuel estava mexendo nos presentes. Doce, inocente, ingênuo. Creio que era exatamente o que Papai Noel procura, porque em um piscar de olhos, uma leve fumaça espalhou-se ao redor da árvore de natal e vi – juro que vi – Papai Noel com sua ridícula roupa vermelha e um imenso saco da mesma cor, bastante cheio (de crianças, penso agora). Ele parou na frente de Samuel, que parecia tão incrédulo quanto eu, fez-lhe um carinho nos cabelos e abruptamente agarrou sua cabeça e o sacudiu como se fosse um bicho de pelúcia. Naquele momento eu me desesperei e tentei correr em direção àquela cena grotesca e salvar Samuel, mas minhas pernas pareciam pesar como chumbo. Apesar do esforço

tremendo que eu fazia, elas pareciam coladas ao chão, e tudo o que eu podia fazer era ver a criatura jogando Samuel de um lado para o outro, fazendo o sangue sujar o chão, as paredes, o sofá e até o teto. Eu chorava compulsivamente ao mesmo tempo em que tentava sair do lugar. Quando pensei que a cena de horror tivesse terminado, o dito cujo abriu uma boca que mais parecia um jacaré – mas com dentes de tubarão – e sem remorso, sem piedade, sem qualquer escrúpulo, engoliu a cabeça de Samuel. Engoliu-a inteira, da mesma forma que engolimos uma azeitona ou um ovo de codorna. Nesse momento, eu acho que desmaiei, pois só me recordo de acordar quando o dia amanhecia e Anne gritava desesperada por Samuel. Mais uma vez, um filho nosso era levado pela lenda que teimei em não acreditar a minha vida toda.

Desnecessário dizer que meu casamento com Anne não resistiu à perda de mais um filho. Tentamos terapia, assistência religiosa e qualquer coisa que promettesse ajudar a superar os problemas, mas alguma coisa dentro de nós havia mudado. Eu passei a beber compulsivamente; primeiro, durante as noites, mas quando vi, eu passava o dia inteiro com uma garrafa de pinga barata cambaleando pelos cantos. A cidade, que apesar de acreditar na lenda e passá-la adiante de geração em geração, tentava me culpar pela morte de meus filhos, entretanto, a polícia nunca encontrou provas que pudessem me incriminar. Pensando agora, a cadeira elétrica seria uma ótima opção para dar desfecho a esta vida vazia. Mas isso não vai acontecer.

Não tenho certeza se dez ou vinte anos se passaram desde os ocorridos, a bebida provavelmente me impede de lembrar até o meu próprio nome. Hoje, véspera de natal, voltei à minha velha casa para uma última ceia. Anne não está mais aqui – aliás, ela já não está mais entre nós. Enquanto eu me afundei na bebida, ouvi que Anne pegou uma arma e estourou os miolos no mesmo local em que Samuel fora levado. Eu não tenho uma arma em minhas mãos. Tenho apenas uma garrafa de pinga vagabunda, um galão cheio de gasolina e fósforo, muitos fósforos. Sei que ele só aparece para pegar crianças, mas por algum motivo, a data de hoje me parece especial e tenho a impressão de que ele vai aparecer (esqueci de mencionar apesar de encontrarem uma arma junto ao corpo de Anne, ela nunca foi usada).

Hoje é véspera de natal, e aguardo ansiosamente a chegada do bom velhinho.

OS CINCO PRESENTINHOS

Paulo Soriano

Talvez a minha natureza melancólica, por si só, já fosse suficiente a me fazer sentir, com intensidade maior que a vossa, a angústia subjacente às mais alegres noites de Natal. Todavia, não há dúvida que essa exacerbação sensível se deve, em grande parte, ao fúnebre acontecimento da noite de 24 de dezembro de 1878.

Eu tinha então apenas nove anos de idade e era o primogênito de uma família pobre e numerosa.

Meu pai era mineiro de carvão da região de Mons e a minha mãe falecera ao dar à luz à pequena Louise. Por esta época, eu já era empregado na mina de Pâturages e passava o dia todo me esforçando sobre os trilhos, a empurrar os vagonetes carregados de hulha. Mas, quando minha mãe morreu, tive de abandonar o serviço para cuidar da recém-nascida e de outros quatro irmãos menores. Um salário miserável a menos, uma boca esfomeada no lugar de outra.

Porque éramos muito pobres, jamais havíamos recebido um presente de Natal. Mas, naquele ano, o meu pai, ao retornar da mina, mais limpo do que nunca, trazia nas mãos cinco presentinhos, embrulhados em papel colorido e atados em cordões dourados, salpicados de neve. Acompanhava o meu pai um pregador holandês, um jovem homem de cabelos ruivos e olhar tempestuoso.

Sem tirarmos os olhos dos presentes, ouvimos, impacientemente, o missionário ler, com sincera devoção, um trecho da Bíblia.

Durante a leitura, o meu pai mantivera fechados os olhos tristes. Supus que ele ouvia mais os próprios pensamentos que as palavras de Deus, porque foi preciso que o pregador holandês o tocasse nos ombros para que ele despertasse do profundo devaneio. Mas eu estava enganado. Hoje tenho toda a razão para crer que ele escutara atentamente esta passagem:

“Tendes ouvido o que foi dito: ‘Amarás ao teu próximo e aborrecerás ao teu inimigo’. Mas eu vos digo: Amai os vossos inimigos, fazei bem ao que vos odeia, e orai pelos que vos perseguem e caluniam...”

- Coragem, homem – disse o missionário. – Deus não te deixará desamparado. Não penses assim. Apesar da grave crise, teus filhos não morrerão de fome. Nem de frio.

Somente depois soube a razão daquele gesto consolador: engrossando a espessa legião de mineiros desempregados, e sem a mínima possibilidade de obter um novo serviço, meu pai havia sido sumariamente despedido.

O pregador holandês tirou os sapatos e os entregou a meu pai.

- É um sapato novo. É a primeira vez que eu o uso. Mas agora é teu. É um presente de Natal.

Meu pai não conteve as lágrimas. Abraçou-se ao Sr. Vincent van Gogh e chorou convulsivamente. O missionário holandês o consolou como podia e depois partiu, mergulhando os pés nus na neve gelada, que se acumulava nos caminhos. Certamente, doara as meias novas a outro necessitado. Para nós, um nobre ritual de um batavo ensandecido.

Então meu pai distribuiu os presentes. Eram todos iguais: fatias de um bolo mofado e delicioso, que comemos com muita fome e maior gula. Aquela noite, para mim e para os meus irmãos menores, parecia a mais feliz de nossas existências miseráveis. Era a primeira vez que ganhávamos presentes. Era a primeira vez que comíamos um bolo. Era a primeira vez que o Natal fazia algum sentido para nós.

Havia em meu pai, que nos via comer com tanta alegria e prazer, uma satisfação honesta. Ele estava feliz e orgulhoso por nos proporcionar este momento de sublime felicidade. É por isso que eu não sabia decifrar o motivo daquelas lágrimas pesadas e silenciosas que ele, serenamente, evitava reprimir, como se elas fossem, as lágrimas mesmo, naquele momento, a sua única fortuna e sua única necessidade.

Fazia frio. Meu pai nos pôs a deitar. Beijou-nos um a um. Abençoou-nos. Abraçou-se a cada um de nós demoradamente.

-Nem fome, nem frio – disse-nos, um a cada vez, enquanto engolia um derradeiro olhar, de ternura e compaixão.

Acordei em plena madrugada. Suava. Asfixiava. Tentei erguer-me do leito de feno, mas eu me sentia pesado

demais para qualquer esforço. A minha garganta ardia horrores e o meu ventre dolorido contorcia-se involuntariamente. Quase sufoquei no vômito, que era uma torrente de chumbo derretido. Depois, aliviado, sucumbi ao sono e à lassidão. E, sobretudo, à quentura reconfortante que meu próprio corpo produzia.

Quando o calor me abandonou, deparei-me com a tragédia. Meus irmãos jaziam, sem vida, abraçados uns aos outros, como costumavam dormir, porque sempre ávidos de calor. Tinham os lábios roxos e os ventres inchados. No berço de palha trançada, estava Louise. Manchas escarlates distribuíam-se uniformemente em seu rostinho de criancinha morta. Fora ali que o meu pai afundara os dedos, para estancar-lhe o fluxo de vida. Depois, enforcou-se o meu pobre pai numa trave pendente do teto, próximo à lareira, que, nesta noite de Natal, permanecera vazia e silenciosa.

Com letras típicas de um homem quase analfabeto, escrevera ele um curto testamento, a lápis, sobre o invólucro de um de nossos presentes. Deixava o sapato novo – único bem que possuía – ao capataz que o demitira.

O SINISTRO NATAL DE RANDOLPH CARTER

Rogério Silvério de Farias

Quando Randolph Carter se aproximou dos anos finais, sentiu-se amargo e terrivelmente só naquela velha casa coberta de heras, na rua antiga do bairro afastado no centro de Londres, onde sonhara com Kadath, Celephais e a Chave de Prata. Mas agora ele já era velho demais, e a chave da porta dos sonhos havia sido perdida para sempre, para sempre.

E diante do nada da vida, ele teve a certeza intrínseca de quem acorda para a vigília e dessa forma corrobora a opinião e a assertiva de que a alma tem, quando acorda em si mesma, de que tudo, no final das contas, se traduz em caos, monotonia, tédio e dor. Carter, então, cessou de ser aquela espécie de humorista filosófico, pois percebera que o humor também é vão num mundo indiferente, destituído de qualquer consistência, inconsistência ou sentido.

E de repente, agora, na véspera de Natal, ele sentia-se ainda mais melancólico, e nada há de mais triste e sombrio do que uma véspera de Natal para um velho solitário e amargurado como Randolph Carter.

A chuva caíra durante todo o dia sobre Londres, mas agora descera a noite límpida e enluarada, o céu claro e estrelado emanava um perfume suave e úmido de nostalgia, saudades de coisas extraordinárias vividas apenas nos cosmos

dos sonhos.

Mesmo com os constantes achaques da velhice, Carter costumava levantar-se todas as noites da cama para apreciar a imensidão do céu, para sonhar com o rio Oukranos, os píncaros de Thran e as selvas perfumadas de Kled.

Naquela noite de véspera de Natal, debruçado sobre o caixilho, Carter olhava a lua e se lembrava, sob uma névoa de sentimentos nostálgicos, dos dias da infância e juventude, quando então o mundo lhe parecia um jardim agradável e sedutor no qual se podia sonhar com galeras festivas e coloridas, nas regiões onde o mar encontra o céu, em Celephais.

O tempo passara e agora não havia mais esperanças infantis, e então Randolph Carter era apenas um velho a sonhar solitário, debruçado na janela, num bairro sombrio de Londres.

Tentara ser escritor, mas seus escritos eram exóticos, grotescos e tinham como tema a estranha beleza sempiterna dos sonhos, mas tudo que escrevia era visto como excentricidade e bizarrice de um poeta sonhador a fugir constantemente do caos da vida através de reinos opiáceos.

Carter havia sido feliz sim, num tempo que já não havia mais, a não ser na mente de um sonhador do infinito.

E então era isso a vida? Mas passara tão rapidamente – mais do que um sonho ou uma pilhéria!

A juventude tinha passado, e com ela o viço da vida, e a juventude é como um relâmpago dourado no céu nublado da

existência humana. Então só restaram a Carter o ocaso dos anos, a velhice e a solidão, naquele quarto nos subúrbios de Londres, num quarto com uma janela aberta para um céu estrelado. A alma de Carter abismara-se desde dentão nas reminiscências pungentes dos anos indeléveis que não voltariam nunca mais, a não ser na mente sonhadora de um poeta obscuro.

Ao chegar a meia-noite, veio então o Natal, e o Natal é uma data terrível para um solitário e sonhador. Ele agora estava na cama, pois se sentira cansado de tudo, da solidão, da vida...

Ainda assim Carter tinha a visão do céu estrelado, e ali deitado, ele sentia a brisa noturna entrando janela adentro e acariciando seu rosto naquele Natal frio e úmido.

Oh, ele pensou, se houvesse um meio de encontrar a Chave de Prata, a chave que abre a porta dos sonhos, se houvesse um meio de voltar a ser criança ou jovem outra vez, voltaria a acreditar em Celephais e nas regiões onde o mar encontra o céu. Se voltasse a ser criança, deixaria de ser sombrio e voltaria a crer em Papai Noel, e até pediria um presente ao Bom Velhinho.

O Natal é uma coisa terrível para um velho solitário e acabado, e então Carter soluçou e chorou, lembrando-se do colo de sua mãe, quando, na infância remota, ele deitava-se e sonhava com as coisas maravilhosas e terríveis além das cúpulas de calcedônia de Narath.

Era Natal, e foi com esforço que Carter ergueu-se do leito e foi até a janela. Mas de repente, quando o final se aproximava para Randolph Carter, ele ouviu sinos, canções

de Natal e a risada inconfundível do Bom Velhinho... E de repente Carter não era mais um velho num quarto numa casa dos subúrbios londrinos, mas sim um garoto alegre e ansioso debruçado na janela.

E pode ver, lá fora, a silhueta entre a penumbra da noite, o trenó voador puxado por renas aladas e alguém trajando roupas de Papai Noel. A figura sombria de um Papai Noel sinistro, que era uma farsa e que era tudo menos um Papai Noel, sorriu sardonicamente, e Carter viu que era uma entidade macabra e medonha com rosto de caveira e que lhe falou, em seguida, num tom de voz semelhante à de um morto no fundo da terra:

- Vamos, Carter! É chegada tua hora. Trouxe-lhe teu presente, neste teu último Natal. Vim buscar-te, pois te levarei para muito além de Kadath ou Celephais.

Carter perguntou, então:

- É meu presente?

- Sim, venha, agora, comigo, para as terras além dos sonhos, nos reinos dos que não mais sonham e dormem...

Carter pulou a janela e embarcou, lá embaixo, no trenó, mesmo sabendo que seu destino não era nem Celephais nem Kadath. O trenó voador sumiu-se na noite, e foi visto como uma silhueta recortada contra a lua cheia por outros sonhadores debruçados sobre uma janela voltada para o céu noturno e estrelado.

E foi assim que Randolph Carter foi levado pelo

Anjo da Morte, que sob o disfarce de Papai Noel, lhe concedera o descanso eterno, seu último presente, no último e sinistro Natal de Randolph Carter... e seu presente tinha sido...a morte!

UM CONTO DE NATAL

Tânia Souza

Agradecimentos à Adriana Cabral pela revisão.

I

Ela sorriu... Os flocos gelavam o seu nariz. Ia e vinha no balanço enquanto a neve descia sobre a cidade. Poderia voar. As outras crianças também sorriam. Mas algo não estava perfeito. Em um canto, olhos claros e maléficos a observavam. A neve agora escurecia. O tom era avermelhado e parecia cortar como veias trincando a brancura. Ergueu os pés horrorizada, a neve de sangue não iria tocá-la. Mas os flocos vermelhos caíam do céu e iriam sujar seu vestido e seu rosto. Ficariam cobertos por sangue. Eles eram apenas crianças. Começou a gritar.

— Mãe! Acorda! Acorda, mãe! — a menina a sacudia, mas ainda assim, Andréia se debatia na cama, presa no pesadelo vermelho e insano. Os olhos de Mirella estavam arregalados. Até que finalmente a realidade começou a se impor e ela abraçou a filha.

— Você teve um sonho ruim, mãezita? Tava gritando, fiquei com medo...

— Eii mocinha, já passou, foi só um sonho ruim, está bem? Bom dia, meu amor.

— Você tá tendo sonhos ruins direto mãe, por quê?

— Ah, não sei filha, mas vem cá, tenho um segredo para te contar, shiuu, não espalhe, mas... você sabia que eu te amo, te adoro, te quero de montão? Cadê meu cheiro?

A menina começou a rir, adorava a brincadeira desde que era ainda bebê.

— Também te amo, te adoro, te quero de montão! Fomeee de bolo, mãe!

E a menina sumiu porta afora enquanto Andréia tentava esquecer os horrores do pesadelo. A cabeça loira apareceu novamente na porta:

— Dia de montar a árvore!

Apenas mais um dia começava. Mas um dia que ficaria para sempre marcado naquela pequena família. Pela primeira vez, poderiam aproveitar o momento de montar a árvore de natal, em uma casa só para elas, um momento de tranquilidade numa vida conturbada que ficara para trás. Sentadas no chão da sala, Andréia olhou para a filha, os olhinhos da menina brilhavam de alegria. Da caixa, os produtos embalados e algumas lembranças do passado. A menina tocou um pequeno globo natalino.

— Que bonito, mãe!

Sacudiu de leve. A neve caía sobre uma cidade em miniatura. Era o trabalho de um artista. Cada detalhe esculpido com perfeição, pessoas, automóveis, pequeninos animais, ruas,

detalhes que impressionavam. Andréia procurou e encontrou a lupa que acompanhava o objeto.

—Aqui filha, vai ver melhor.

— Uau! — No interior do globo, uma placa convidava, aproximando bem a lupa, era possível ler, “Seja bem-vindo ao Paraíso”. — Posso ficar com ele, mamãe?

Andréia suspirou, a menina a olhou, sabia reconhecer a tristeza nos olhos da mãe, mas aprendera a não perguntar muito. A convivência com adultos obrigara Mirella a amadurecer cedo demais.

— Um dia, então?

A mãe arrumou os fios de cabelo da menina que estavam esparramados e sorriu.

— Um dia sim, minha filha.

Andréia observou o globo, por muito tempo não o vira, a única lembrança da família que levava para o orfanato. Um objeto que lhe fizera companhia tantas vezes e que tantas vezes tentaram tirar de sua vida. Talvez fosse bobagem, mas era o seu único elo com o passado. Lembranças da mãe que morrera de uma forma horrível e solitária, enforcada num quarto de hotel, deixando apenas um passado de crimes que ela não quisera trazer de herança no nome, alguns papéis e o pequenino globo natalino de herança que carregou consigo nos vários orfanatos por onde passou. Estendeu as mãos e o tocou. Tudo que vivera, alegria ou tristeza, dividira com esse objeto, já tivera medo da força dele, mas era então uma criança. Árvore

pronta, mãe e filha sentaram-se no sofá para contemplar a obra. Os dias seguiam e logo seria o Natal.

II

Mirella acordou cedo, a mãe já havia ido trabalhar, nesse horário, a vizinha ainda dormia. Sobre a mesa, o café da manhã a esperava. Ligou a televisão, “Uni!!” um menino gritava em desespero, dividido entre voltar para casa e salvar a amiguinha. “Vamos Uni, você consegue” o unicórnio tentava escapar da armadilha, as crianças do desenho voltavam para ajudá-la, enquanto mais uma vez, o portal se fechava. A menina mudou de canal e pegou o globo e a lupa. Adorava o natal.

Na cidadezinha em miniatura, a neve cobria as ruas e crianças brincavam. Renas e um Papai Noel desciam na cidade com um saco cheio de presentes, pessoas saíam contentes das lojas, com sacolas cheias. O que será que ela iria ganhar? Estava preocupada com a mãe, o pesadelo deveria ter sido feio, não gostava de ter sonhos ruins, acordava com medo no meio da noite. Se o pai estivesse ali, talvez a mãe não sonhasse mais com o que a assustava. Gostaria de pedir o pai de volta para o Papai Noel, mas sabia que não era possível. Olhou o Papai Noel e ficou arrepiada, parecia que ele estava sorrindo para ela. Encostou a lupa bem pertinho do globo e uma das crianças do balanço virou a cabeça lentamente para ela e se levantou. Mirella gritou. Não era possível. Mas a menina se aproximou do vidro e sorrindo, estendeu a mão. Deveria ser um sonho. Não era real. Mas a menina ainda sorria e a mão

continuava estendida. Curiosa, ergueu um dedo e quando ia tocar a superfície, a porta se abriu e a vizinha entrou tagarelando. Com o susto, deixou o globo cair e com seu rosto pálido, foi difícil convencer a alegre mulher que não estava aprontando nada.

A curiosidade era tanta que mal ficou sozinha, foi tentar novamente, fechou a porta do quarto e continuou a observar o Papai Noel dentro da redoma de vidro. Os olhos azuis do homem a fitavam novamente. Fechou os seus com força e pensou novamente na menina do balanço. Quando abriu os olhos, as pessoas dentro do globo se moviam, era mágico, era um sonho se tornando real. Por isso a mãe não queria lhe dar o globo ainda. Seria aquele seu presente de natal? O coração da menina disparou com a emoção e quando as crianças do parque lhe estenderam a mão, aceitou a oferta. De alguma maneira, estava lá, na cidade encantada.

A neve caía sobre seu rosto e as pessoas eram risonhas e felizes. Procurou pelo Papai Noel, mas não o viu. Se a cidade era real, ele também existia. Poderia enfim fazer o seu pedido. Estava na rua principal, em frente a uma loja de doces. Duas crianças sorriam para ela e entraram na loja. Entre as mais variadas delícias, marionetes se moviam ao som de canções natalinas. Um trem corria pelos trilhos iluminando a loja inteira.

— Onde eu estou? — Mirella sabia que estava sonhando e sonhos não dão respostas, mas mesmo assim perguntou.

As crianças somente davam risadas e sorriam. Andou por vários cantos da cidade encantada, vendo com detalhes o que antes estivera espiando pela lupa, era um sonho mágico do qual não queria nunca mais acordar.

— Onde ele está? O papai Noel?

— Quem? — as crianças não pareciam saber quem ele era, mas Mirella o descreveu, o homem da barba longa e das renas, dos presentes. Algumas sorriram, outras abaixaram o rosto e se afastaram. A garota que a convidara pela primeira vez disse enfim: — Ele ainda não pode vir, mas se for uma boa menina, ele virá!

— Ele gosta de construir, não vem muito aqui.— o garoto coçou a cabeça e olhou para Mirella. Você quer brincar?

— Que lugar é esse?

— *Nos o chamamos apenas de paraíso dos sonhos!*

As horas estavam passando e Mirella sentiu falta de casa. Era hora de ir embora. As amigas sempre lhe ofereciam algo de novo para ver, um novo cantinho, uma promessa.

— *Eu preciso ir, mas prometo voltar!* — Mirella podia ouvir a voz da mãe chamando por ela, pedindo sua presença.

— *Você não pode, não gostou de ficar aqui?*— a menina começou a chorar — *Não pode ir, você deve ficar aqui conosco.*

— *Minha mãe está sozinha, ela precisa de mim, mas eu volto está bem?*

— *Ele não vai gostar se você for! Deve ficar para sempre.*

A moça das compras deu um sorriso triste

— *Ela nunca veio, você sim, não vá embora! Está tudo bem agora.*

Mas nada estava bem, as crianças não mais sorriam e a garota segurava o seu braço com força.

— *Me deixa ir — suplicou Mirella, eu volto.*

— *É mentira, todos mentem.*

O braço doía muito onde a garota apertava. Quando a terra tremeu sob a cidade, um longo trincado vermelho se espalhou na neve. A tempestade aumentou e a garota largou o seu braço, olhando para cima.

— *Vá de uma vez, ela está te chamando. Mas se não voltar, eu vou te buscar. Não esquece, Mirella, eu vou te buscar. E a ela também.*

Mirella abriu os olhos assustada. A mãe estava chorando ao seu lado, a vizinha parada na janela, olhando a paisagem lá fora. Havia dormido por três dias seguidos, o braço estava enfaixado. O médico viera, mas nada além de sono comum fora identificado. Três dias. Subira ao quarto para brincar depois do almoço e não mais acordara. Teria sido um

sonho? Mas o braço ferido não a deixava esquecer a força com que a garota a segurara. Não, não fora um sonho, e onde quer que estivesse, não fora no Paraíso.

III

Havia alguém seguindo seus passos, podia sentir a presença cadenciada do seu perseguidor. Olhou mais uma vez para trás. Mas não havia nada além da noite. A corrente elétrica que passava pelo enfeite de luzes natalinas que adornava a rua oscilou e as poucas luzes que não estavam queimadas prosseguiram piscando num triste arremedo de alegria.

Os pés doíam, e seus passos ecoavam na calçada; o olhar, antes perdido na decoração, agora espreitava desconfiado as ruas vazias. Apesar das compras desenfreadas de dezembro, a madrugada era solitária com os poucos que a enfrentavam. A sensação de medo a oprimia e ela caminhava apressada, o corpo oscilando sobre os saltos no chão irregular.

O eco dos sapatos escondia os passos do perseguidor, mas ela podia senti-los dentro de si, na cadência dos saltos do coração. O suor escorria entre os seios, nas costas e a respiração faltava. Encostou-se ao muro e tirou as sandálias. Um carro passou e o motorista, claramente bêbado, gritou “*Feliz Natal, piranha!*”, ela levou um pequeno susto, mas ignorou e continuou seu caminho. A sensação de medo exauria suas forças, sentia a boca seca e o corpo trêmulo. Logo iria vomitar.

Lucia...

Era o seu nome. Seu verdadeiro nome. Muito tempo havia se passado desde que alguém a chamara assim. O nome que ficou para trás quando deixou o orfanato. Andréia arrepiou-se completamente, diminuiu os passos e pareceu-lhe ouvir novamente. Voltou a cabeça para trás, mas não viu nada. Pensou na filha sozinha em casa e as mãos tocaram o frio aço da faca que carregava na bolsa. Com cuidado, sentiu o corte afiado e respirou, contando até dez para se acalmar. Todos os dias, esperava não usá-la, apesar do cuidado com que a deixava sempre afiada. Preparou-se para correr quando um grupo de jovens virou a esquina, nesse momento, a sensação de medo foi embora. A cidade crescia e os perigos surgiam de todos os lados. Mas o medo que a oprimira naquela noite não viera de pessoas comuns, era um medo mais antigo, inexplicável e enraizado no mais profundo do seu ser. Um medo sem nome. Sem perguntas. E sem respostas.

Mas se houvera de fato um perseguidor naquela noite, ele fora embora, e logo ela estava em casa, em segurança.

A sala era simples, em um canto, a árvore de natal pequena, envolta em luzes coloridas e três presentes embaixo. Sorriu, lembrando-se da euforia de Mirella. Enrolada na manta colorida, a menina dormia no sofá, esperando por ela. Toda a tensão foi embora quando pegou a filha nos braços, levando-a para o quarto que dividiam. Aquela era a sua rotina, o trabalho não lhe dava muito tempo para ficar com a menina, mas permitia um mínimo de sobrevivência, a vizinha olhava a garota por ela.

Foi até a geladeira e pensou mais uma vez na voz que ouvira, há muito tempo isso não lhe acontecia, e já não lhe interessava saber sobre isso, não queria mais respostas, desde que a filha nascera, esquecerera todas as perguntas, queria apenas paz. Era a sua casa, o seu lugar seguro, os pesadelos ficaram para trás, o Natal estava chegando e tinha sua filha, o seu pequeno tesouro. Um carro passou e a luz dos faróis se refletiu no globo natalino que enfeitava a estante.

Lucia!

Despertou assustada com o sussurro, parecendo um sopro gélido no ouvido. Havia adormecido no sofá. Em suas mãos, a única lembrança da mãe. Encostou a cabeça suavemente no sofá e o sacudiu. A neve caiu sobre a cidade e as crianças brincavam no balanço do parque. A sombra que estivera pesando seu coração pareceu se estender sobre o objeto e cobrir as miniaturas e o coração de Lucia acelerou. Deixando o objeto sobre a mesa, foi para o quarto. Mãe e filha dormiam, abraçadas. Uma névoa atípica para dezembro envolveu a madrugada e cobriu o quarto onde dormiam. Os sonhos que viviam não eram nada acolhedores.

IV

Lucia! Acorda, Lucia! Não deixe ela ir. Lucia se levantou assustada, mas ao seu lado, Mirella dormia calmamente. A sua boca estava seca, fechou os olhos e voltou

a dormir. Viu a moça andando pelas ruas, ela a conhecia, não sabia quem era, mas reconhecia. Algo ruim iria acontecer.

Do outro lado da rua, a casa dos estrangeiros, Lucia sabia que o gringo morava lá, a mãe trabalhava para os gringos, Ninguém sabia a profissão do gringo. Nem a nacionalidade exata. Ouvira os pais comentando que ele era rico, muito rico. E que escondia algo. O pai Antonio havia prometido que seria a última vez, e a mãe chorou porque estava cansada, agora Lucia podia reconhecê-la, caminhando pelas ruas, a mão escondendo algo.

— Feliz Natal, moça! — o homem vestido de papai Noel gritou do outro lado da rua iluminada, Lucia se escondeu, quando viu que a mãe se assustou, mas ela logo acenou em resposta, arrumando os cabelos atrás da orelha, foi em direção ao lado oposto. A mãe não gostava de Natal. Do outro lado, o pai assoviou, a mãe estava segurando algo, frio e escuro, era uma arma. Lucia tremeu de medo.

Havia algo de muito ruim na casa do gringo, algo que ela não sabia definir, mas que a incomodava. Entraram. A sala quase às escuras, a única luminosidade vinha da árvore de natal. As luzes piscavam multicoloridas e brilhavam na superfície dos enfeites natalinos. Por todos os lados, sinais da data festiva: duendes e renas em miniaturas dançavam, a perna de um Papai Noel descia eternamente pela lareira e um trem corria pelos trilhos ao som de uma canção natalina. O gringo trouxera o natal com ele. Ela se arrepiou, nunca gostara de marionetes, pareciam ter vida aqueles pequenos

seres de madeira e tecido, eternamente se movendo. Todos os objetos haviam sido feitos por ele, a mãe contava que o homem passava os dias criando os pequeninos, como os chamava. Com tal empenho e perfeição que chegavam a ser assustadores. Os olhos eram escuros e brilhantes, como se tivessem vida. Quando precisava limpar aquele cômodo, era com verdadeiro terror que Claudia o fazia. Tudo isso impressionava Lucia, ouvindo a conversa dos adultos, quietinha atrás das portas, e agora, podia ver tudo pessoalmente. Só vira a dona da casa uma vez, ela cheirava cachaça e parecia tonta ao andar, o olhar vazio, nunca vira as crianças e tinha muito medo do gringo. Mas era principalmente o olhar dele que ela temia. Frio, cruel, desiludido e capaz de coisas que não conseguia dimensionar. Se escondia desde então quando o via.

Sob a mesa de mogno, uma série de retratos mostrava a família. Esquiando na neve. Vestido de Papai Noel, o homem loiro de olhos azuis fitava a câmara, a barba longa não escondia o meio sorriso, mas os olhos eram frios. Em outra foto, as crianças brincavam em um balanço. A mãe fazendo compras, sacolas cheias. Os dois meninos na loja de doces. O pai e a garota comprando marionetes. Momentos diversos, mas sempre com olhos tristes e vazios, olhos de quem tem tudo, mas para quem falta algo, como um dia ela mesma fora.

Lucia subiu as escadas devagar, sabia que deveria ser silenciosa, quieta, o pai e a mãe não deveriam estar ali. Entrou pelo vão da porta, o cofre estava aberto e o pai e a mãe se abraçavam, contentes, o ambiente na mansão

era opressivo. A casa poderia brilhar de tão limpa, entretanto um cheiro de mofo desprendia dos móveis apesar de lustrados diariamente.

Havia algo errado.

Mais alguém subia as escadas, Lucia queria chamar os pais e avisar, mas não conseguia se mover. A casa não estava vazia como havia imaginado. Enquanto recolhiam o dinheiro na sacola, o gringo entrou no escritório silenciosamente e acertou a cabeça de Antonio com violência. Lucia gritava junto com a mãe, que tremia e não conseguia atirar, até que finalmente ela disparou, uma, duas, três vezes, somente na terceira vez o acertou. O homem não morria, agonizando, ele cambaleou até ela, o sangue pingava no tapete branco como a neve quando ele avançava em direção a Claudia. Ela apenas tremia, em choque, erguendo as mãos para se defender, não conseguia reagir, havia algo no olhar dele. O gringo levou a mão ao ferimento e fitou o seu sangue, como se não acreditasse, quase se arrastando em direção a ela, que se afastava em direção a parede. Nas mãos sujas de sangue, o globo natalino que atacara Antônio. Ao se aproximar, ela apenas tremia, erguendo as mãos para se defender. Lucia gritou, o homem, que parecia pronto para lhe agredir, desviou o olhar, como se a visse, e apenas entregou o globo nas mãos de Claudia e caiu ao chão. Desesperada, Claudia correu, sem olhar para trás, enquanto Lucia gritava para que ela voltasse e socorresse o pai, que agonizava.

Mas ela não voltou, Lucia sabia o que viria

a seguir, não precisava de sonhos para saber, a mãe seria encontrada morta pouco tempo depois, enforcada em um hotel a beira de estrada, a filha levada a um orfanato, não haveria dinheiro algum entre os pertences, apenas algumas cartas e um pequeno globo natalino, obra de algum artista desconhecido.

Lucia desceu as escadas e preparou-se para partir.

— Ainda não Lucia, não vá embora!

Andréia, meu nome é Andréia, Lucia já não existe.

E Andréia acordou, soluçando desesperadamente. Era véspera de Natal e o passado merecia ficar no passado. Quando finalmente se acalmou, olhou para a filha, cujos cílios se moviam levemente e imaginou que sonhava, enrolada no edredom, o suor escorrendo no pescoço magro. Andréia ligou o ventilador, fechou as cortinas e a deixou dormir um pouco mais.

Finalmente entendia todo o mal estar que muitas vezes o pequeno globo lhe passara; o objeto, que sempre julgara uma herança de amor e carinho, era uma maldição, um símbolo maldito, o trabalho de um artista meticuloso, no entanto frio.

Ela sabia o que fazer. Na sala, observou a árvore de natal, os enfeites, os presentes. Na estante, o globo. Pegou-o com cuidado e o observou com a lupa. Sacudiu, mas a neve não caiu. Quase sentia a rigidez das miniaturas. Na cozinha, pegou

o martelo e sem pensar duas vezes, bateu com violência, apenas uma leve fenda se formou na superfície transparente. Golpeou novamente, com todas as forças que possuía.

No quarto, Mirella gritou.

V

— *Não vá embora, mamãe.*

Mirella não queria estar ali, mas a menina segurava com força o seu braço, havia muito sangue espalhado pelo chão e o frio doía-lhe nos ossos.

— *Você precisa ver o que ele fez.*

Lucia desceu correndo as escadas e a menina chamou por ela. Mas a mãe gritou que não era mais Lucia, e sim Andréia. Estava sozinha agora. Avançaram pelos corredores.

— *É o atelier do meu pai. Vem!*

O cheiro era horrível, diversos animais empalhados, que Mirella reconheceu como renas e cães. Uma mulher sorridente segurava uma sacola de compras e dois meninos brincavam em um balanço. Não conseguia acreditar, mas eram pessoas.

— São meus irmãos e minha mãe. Era o que ele estava fazendo naquela noite, meu pai nos prendeu aqui. Embalsamados vivos.

Mirella estremeceu.

— Mas e você?

— Eu também estou aqui, lembra-se da loja de doces? Veja — e apontou, em um canto, a sua imagem, uma garotinha de cabelos cacheados carregava uma sacola de doces.

— Nós estamos presos aqui, ele nos prendeu. Ele também está aqui, você o viu.

— O Papai Noel?

— É...

Mirella caminhou pela sala.

— A minha avó o matou.

— Ele já não pode nos fazer mal, apenas não podemos sair. Somos malditos, aqui, mas você não é, é apenas...

Um barulho terrível interrompeu o que diziam.

— Não, ainda é cedo demais—, a menina gritou, enquanto a puxava pelas mãos.

As estruturas da velha mansão estremeceram, as crianças correram para as ruas e viram uma pequena fenda se abrindo na superfície que cobria a cidade. Algo estava acontecendo.

Mirella gritou enquanto via a cidade desmoronar sobre eles.

— Mamãe! — E estendeu os braços.

Mas era tarde demais. As migalhas do que outrora fora um bonito globo natalino se espalharam pela

cozinha. Naquele e em outros natais, as ruas veriam uma mulher enlouquecida, procurando em globos natalinos, a filha desaparecida.

O FATALISTA

Victor Meloni

“... muitas vezes, no rosto de um homem, que deve morrer dentro de poucas horas, aparece como que um estranho selo do destino inelutável, de tal modo que um olho experiente dificilmente se engana.”

(M. Y. Liérmontov)

Acredita em destino? Crê que o curso de nossa vida está previamente fixado? E, caso responda sim, para que serviria a razão? O livre-arbítrio? Eu pessoalmente penso que sou responsável pelos meus atos e dono da minha vida. Mas, em quê isto anularia o fatalismo? Não poderiam todas as minhas escolhas ser predeterminadas? Ainda que considerasse um absurdo esta sentença ser aplicada apenas à “gados”, se assim for realmente? Não posso responder a estas perguntas sem cometer o erro de ser leviano. Só posso contar-lhes meu fim e, dele, tirarmos, nós, mais suposições para esta discussão. Eis, então.

(...)

Conquanto pudesse entender os motivos desta festividade, era-me assaz difícil aceitá-las. Há muito sua magia perdeu-se diante das injustiças que grassam cotidianamente na vida de um número desconfortável de miseráveis, e do fato claro de que esta aritmética não enfraquece nesta data. Aliás, temos a informação de que recrescem os suicídios em tal período.

Triste, no mínimo. Uma festa pagã incorporada pela igreja para atender seus fins nada altruístas. Um momento de hedonismo vulgar, onde o consumo é o cimento desta estrutura erigida para ilusão e hipocrisia. Tudo bem. Sabemos que existem exceções. Podemos perscrutar, aqui e ali, atitudes inspiradoras que, em outra época, não aconteceriam. Mas isso não reforça, apenas, tudo o que falei? Do contrário, por que apenas nesta época certa filantropia exacerba? Como disse, entender não me leva a aceitar.

Então, após desenvolver uma casca de segurança contra as armadilhas arquitetadas pelo 25 de dezembro, de não mais aceitar uma fábula criada para alienar-nos de direitos fundamentais, fui arremessado contra um muro intolerável, onde a argamassa era a maldade pura, muito mais ominosa que a ensejada pela crença na festa cristã. Sem misericórdia, ou chance de remissão. Minha história foi abruptamente interrompida em função do ceticismo que abrigava e nutria constantemente. Fui julgado, tendo como evidências a completa falta de tolerância com assuntos que pensava eu entender. Acusaram-me de fomentar a descrença, crime inquestionavelmente imperdoável entre os homens e seus manipuladores. A sentença foi unânime: pena capital! Nada menos que isso. E foi executada com requintes da mais pujante crueldade. Servir-me-iam de exemplo irrefutável. E assim foi.

(...)

Véspera de natal. Os telefonemas insistiam em mudar-me. Famílias, amigos. Todos em conluio. O de

sensibilizar-me. Defazer-me manso e sequioso com as mensagens e o espírito da comemoração. Como sempre, frustravam-se com minhas respostas. Minha mãe chegava, mesmo, a debulhar-se em lágrimas. Uma rotina que, há tempos, tornara-se enfadonha ao final do ano. Mas aqueles que me queriam bem não pensavam assim e nunca desistiam. Participava da ceia, reunia-me com todos, trocava presentes. Todos sabiam ser teatro apenas. A mim, nada mais que isso. Mas, o fato de estar ali lhes causava certa tranqüilidade e enlevo. Como se dissessem, “você não crê, mas está conosco. Isso é o que importa!”

Como de hábito, prestei-me a sair de casa algumas horas antes. Era um acordo fastidioso comigo mesmo. Tanto tempo e, ainda assim, esta “rotina” me era chata. O auto dos compadecidos, em casa dos meus pais, no encontro cristão, não me animava. Pelo menos, sabiam todos. Isso já era alguma coisa.

Agora, meus caros, tudo se perde em absurdos, daqueles que juramos conjecturas de uma mente perturbada por alguma patologia cruciante. Nada fez sentido, até o momento em que a pena autoriza a espada. Os “por quês” são, de minha parte, irrespondíveis. Por que tanto tempo para seu castigo? Por que esta demora na punição? Queriam ver até quando insistiria em minha posição? Há um “prazo” para a mudança? Qual é a tolerância? Como eu disse nada faz, ou fez sentido. Como eu disse, talvez haja um livro onde estão prefixadas nossas histórias para que, aqueles que a lerem, aprendam com ela.

(...)

A chave quebra, ao tentar girá-la, na fechadura. Não posso sair de casa. O telefone mudo não me serve para nada. A internet sem sinal é inútil. Pedir socorro é impossível, pois descubro-me espantosamente afônico. Uma angústia quase física começa a alastrar-se. A energia deixa-me, sobrando apenas a escuridão, com luzes bruxuleantes a entrar pelas janelas. Um silêncio sepulcral assalta-me. Penso estar surdo. Um odor aziago invade o apartamento. O escuro começa a recrudescer e fica tão denso que consigo senti-lo. Toca-me e percebo que é poroso. À medida que espalha-se, posso escrutar certas divisas de matizes distintas que vão ensejando passagens. Um multifário de presenças, umas longilíneas, outras roliças, umas outras, ainda, altas, e também baixas, me vão cercando em um círculo, numa roda de relevos irregulares e expressões inquietantes. O silêncio continua férreo e imperturbável. Brancos sorrisos me são dados. Ao menos é a definição mais próxima que consigo. Em seguida um baque surdo e grave. O silêncio se foi. Algo é jogado ao chão. Risos finos, mas de tons diversos, irrompem de imediato. A roda, então, se abre e um corredor é formado. Mesmo naquela treva, naquela umbra sem igual, posso “ver” tudo isso. Não acho que nosso vocabulário de conta da experiência. Outro baque. Agora mais grave. No fim do corredor duas parcas luzes, paralelas e perpendiculares, numa distância regular uma da outra, encaram-me. Alternam-se entre o amarelo, o vermelho, o branco e o verde. E avançam em minha direção. O rutilar começa a fulgurar, As risadinhas continuam.

Consigo discernir a silhueta. Um gorro púrpura, numa cabeça que abriga um gordo rosto com hirsuta e longa barba, é ajeitado na sua base. As narinas rotundas bufam uma iníqua fumaça densa e azeda. Como se uma colher fosse ríspidamente raspada contra o fundo vazio de uma panela, escuto o praxe: Ho! Ho! Ho! E começo a rir tresloucadamente.

(...)

Posso garantir que, em meu rosto, algo estava estampado, há poucos instantes, quando a maldita chave resolveu quebrar.